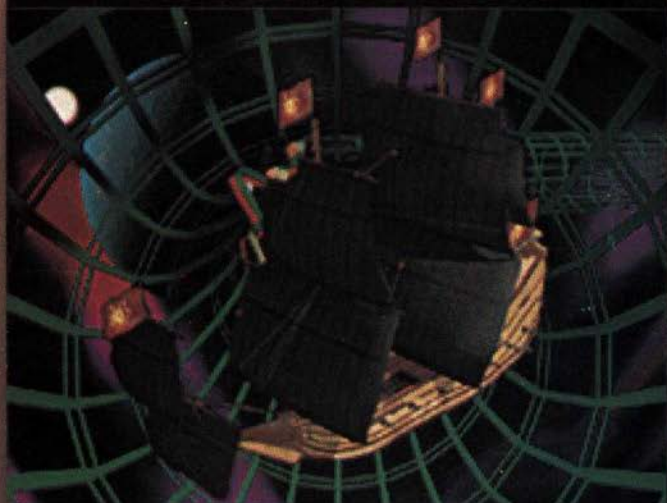


SOMNIUM

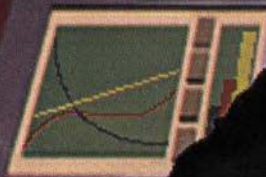
REVISTA DO CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Nº 62-1995

ALERTA: COLISÃO



RADIAÇÃO : 1200 FC
MAGNEFICAÇÃO : 1/2
DISTANCIA : 5500 KM
VELOCIDADE : 120 CPS



Somnium®

Nº 62 - Janeiro de 1995

Editores

Luis Marcos da Fonseca e

Carlos André Mores

Tiragem: 500 exs.

Somnium® é a revista do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC - e visa divulgar autores deste gênero literário. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os artigos assinados são creditados a seus autores e não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, sendo uma sociedade civil, em fins lucrativos e apartidária, com personalidade jurídica de direito privado. Foi registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob nº 9.416/86.

A diretoria para o biênio 94/95 está composta pelos sócios Sumercindo Rocha Dorea (Presidente), Daniela de Almeida Bittencourt Moraes (Secretária Executiva) e Sérgio Roberto Lins da Costa (Tesoureiro).

Toda correspondência relativa à editoria deve ser remetida para:

Caixa Postal 473
CEP 14801-230
Araraquara - SP



Seções

Editorial		
	<i>A História se Repete</i>	2
Artigos		
	<i>O Paradoxo João da Silva</i>	4
	<i>Státira, e Zoroastes</i>	8
Livros		
	<i>Editora da UFSCar</i>	14
FC Curiosidades		
	<i>A Moderna FC e Suas Origens - parte II</i>	18
Contos		
	<i>Legiões de Babel</i>	20
	<i>Argonauticà</i>	26
	<i>Bored, o Truculento</i>	40
	<i>No Coração do Deserto</i>	50
	<i>Uma Noite na Periferia do Império</i>	56
Poesias		
	<i>Páginas da Bíblia</i>	64
	<i>Parapsicológico Mistério</i>	65
	<i>O que Sonham os Cativos</i>	66
Crônicas do André		
	<i>Meu Célebre Ato, no Paramount</i>	68
Galeria de Arte		
	Roberto Schima	13, 25, 55
	Michael Marrak	3, 15
	Alan Hunter	49
	Dreyfus	7

Ilustrações/Colagens

K.I.L.	6
Simone Ferreira	24, 44, 64, 65
Rafael Mozeto	30
Roberto Schima	50, 66
André Carneiro	71

Capa:

Criação em computador por Rafael Mozeto, inspirado no conto *Argonauticà*.

Expediente:

Somnium® 62 é uma publicação do Clube de Leitores de Ficção Científica e da Editora da Universidade Federal de São Carlos. Projeto Gráfico: Roger Trimer, Antonio de Mello Pereira Filho e Carlos André Mores. Revisão: Jussara Ancona Lopes e Roger Trimer. Produção gráfica e arte-final:

DOT - Editoração Eletrônica e Multimídia

A História se Repete

Ao *primo* Luiz Marcos, eis aqui algumas das histórias que viram pela primeira vez a luz do dia nas eméritas* páginas do **Somnium**". Com essa gentil dedicatória recebi recentemente o livro *O Caçador de Brinquedos e Outras Histórias*, volume n° 167 da coleção Caminho de FC, de autoria do nosso amigo e colaborador João Manuel Barreiros.

A exemplo do livro de Braulio Tavares, *A Espinha Dorsal da Memória*, *O Caçador de Brinquedos e Outras Histórias* também teve diversos contos previamente veiculados no **Somnium**. A obra de Barreiros foi calorosamente recebida pela crítica portuguesa, que ressalta as qualidades narrativas do escritor. Gostaríamos também de deixar registrado nossos agradecimentos ao Barreiros pela citação de nossa revista no livro.

Em carta anexa, o autor destaca o aspecto negativo da ilustração da capa onde Fozzy, o personagem de um de seus contos, porta uma arma de brinquedo, que nada tem a ver com o enredo do conto. Bem, sempre consideramos a coleção Caminho a mais inovadora e mais interessante das coleções portuguesas, mas o mesmo não se pode dizer de suas capas, sempre sofríveis. Enfim, nada é totalmente perfeito...

Esse acontecimento literário vem a reforçar ainda mais a posição assumida no editorial de número anterior do **Somnium**, e é mais um alento para que se prossiga lutando para a divulgação da FC e Fantasia de boa qualidade que, como vemos, existe.



SOMNIUM 60

Por um Rubem Fonseca na FC Nacional é o subtítulo deste trabalho onde Edson Arantes nos mostra os vícios de nossa produção literária e, de quebra, aponta alguns temas pouco explorados por nossos autores.

O Paradoxo João da Silva

Aran

O problema básico da FC nacional é o Paradoxo João da Silva. Parece estranho? Eu explico. Todo escritor de FC (inérito ou não), que tenha o número adequado de cromossomos, um dia se depara com este paradoxo: como justificar a existência de um astronauta, cientista nuclear, guerreiro jedi ou comandante da frota estelar chamado João da Silva? O paradoxo, porém, é apenas a pontinha do iceberg — como é, afinal, todo paradoxo digno deste nome. O que se esconde por trás dele são duas questões aterradoras: 1) “como escrever FC num país miserável do quinto mundo?” 2) “Que cara deve ter esta FC?”

Papo cabeça? Tudo bem. Acredito que todos os problemas do país começaram no fatídico dia em que o substantivo “cabeça” virou adjetivo — e, pior ainda, sinônimo de chatice. Mas este é outro assunto. O objetivo aqui é discutir o paradoxo. Na minha imodesta opinião, a solução para o problema deve ser procurada de duas maneiras: no contexto e na linguagem.

Começemos pelo contexto. Em vez de fugir do paradoxo, façamos dele o motivo dos nossos contos, romances, sagas de 10 volumes etc. Ou seja, o contexto deve justificar o astronauta, físico nuclear ou pirata virtual chamado João da Silva. Mas como fazer isso? É simples: abra a janela, vá até a esquina, ande de ônibus. Toda obra de ficção é o retrato de sua época. Isso vale para Ernest Hemingway, Machado de Assis ou Ray Bradbury.

Ok, todos nós queremos ser o John Wayne (no meu caso, prefiro Clint Eastwood), falar inglês, ignorar a animalhada gritando “curintiaá!” no meio da rua. Mas não adianta, moçada, nascemos na margem oposta do Rio

Grande. E, se você pensar bem, nosso país é até mais interessante ficcionalmente que os EUA. Temos tribos desconhecidas enfiadas na Amazônia, já pensaram nisso? Temos narcotraficantes controlando uma cidade inteira! Temos, enfim, um farto material à nossa disposição. E você aí, querendo imitar o Ray Bradbury, que além de tudo é um escritor menor (ai, meu deus, acho que comprei briga!). Todo escritor escreve sobre sua realidade.

Ou não escreve. Não há escapatória. Mesmo um caso patológico de deslocamento temporal como Jorge Luis Borges está visceralmente ligado à América Latina. Seus labirintos, seus espelhos e seus círculos são a cara deste nosso continente. Somos católicos, avessos à lógica

cartesiana protestante. Nossa história é feita assim. Ignorar isso é destruir-se enquanto ficcionista. Nada contra influências. Mas vejam, por exemplo, Rubem Fonseca. Deglutiou Raymond Chandler, Dashiell Hammet e faz livros extremamente brasileiros. E vende bem, ainda por cima! Por que nenhum escritor de FC vende como ele? Resposta: porque olha para o umbigo ao invés de olhar pela janela. Ponto.

A outra questão: linguagem. Braulio Tavares vive falando sobre o assunto. Muitos contos nacionais parecem tradução mal feita de novelas americanas. Tradução no português de Portugal! Quem não conhece a literatura de seu país não devia sequer pensar em escrever. E

para escrever bem só tem uma receita: ler muito, escrever muito. Depois passar tudo por uma peneira bem fina. O que sobrar de leitura e “escritura” presta. O resto é lixo. Enfim, recomendo uma boa dieta de Machado de Assis (última fase), Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Haroldo e Augusto de Campos, Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Rubem Fonseca, Ivan Lessa, Érico Veríssimo. E muitos outros, claro. Citei de “enfiada”.

Outra coisa que talvez muito gente não saiba é que a literatura anglo-americana não começou com Ray Bradbury. Aconselho uma boa leitura de pelos menos dois escritores fundamentais: James Joyce e Ernest Hemingway.

Ulisses, ao contrário do que dizem os literatos de orelha de livro, é leitura das mais agradáveis, até na tradução de Antônio Houaiss. E Hemingway, bem, sem ele o que seria de toda a FC moderna, de Philip K. Dick a William Gibson?

Outra coisa que me incomoda é o formalismo da linguagem. Paulo Francis: “Linguagem escrita é paródia de linguagem falada”. Assino embaixo. Ainda mais em obra literária. Se um tijolo cai no seu pé o que você diz: “puta que pariu!” ou “oh, maldição!”? Acho que o exemplo explica tudo. Muita gente boa agüentou desaforos pesados em 1922 para libertar a linguagem do formalismo pseudo-acadêmico. E ficas tu aí, jovem mancebo, a enfiar ênclises e mesóclises em frases,

Muitos contos nacionais parecem tradução mal feita de novelas americanas.

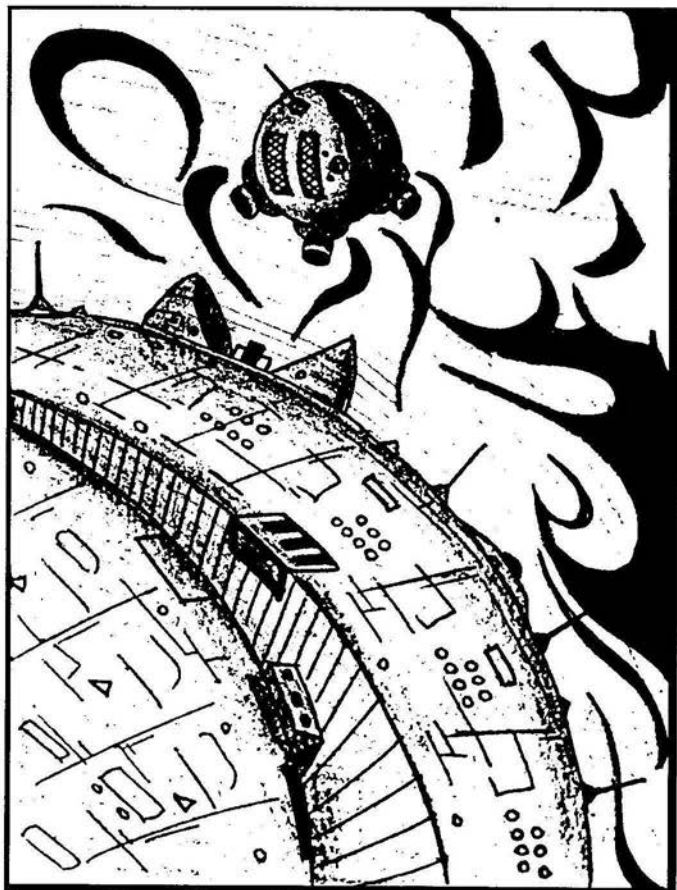
como só as usaria Ruy Barbosa?!

Aí está minha modesta contribuição para a solução do paradoxo João da Silva. Se despertei instintos anímicos furiosos, melhor. A discussão faz bem e espero que outras pessoas contribuam com novas idéias para a solução do problema. Afinal, pensar sobre o que fazemos para fazê-lo melhor foi o que nos fez ganhar a corrida evolucionista dos nossos primos orangotangos. O

importante é: existe um público leitor aí fora que deveria estar consumindo a FC nacional e não está. Por quê? Por um único motivo: não conseguimos solucionar, apesar dos bravos esforços de escritores como Fausto Fawcett e Braulio Tavares, o Paradoxo João da Silva.

"Linguagem
escrita é paródia
de linguagem
falada."

Edson Arantes é jornalista e crítico de cinema, tendo sido colaborador da revista Set - Ficção e Terror. Trabalha atualmente na Editora Azul.







Artigo

Uma fantasia oriental de 1826 é o sub-título deste trabalho do pesquisador Bráulio Tavares acerca dos primórdios da literatura fantástica no Brasil. Garimpando cada vez mais fundo no tempo, Bráulio nos mostra os primeiros passos desse gênero literário que ainda hoje lutar para se firmar.

Statira, e Zoroastes

Bráulio Tavares

É possível que a primeira fantasia utópica da literatura brasileira seja a curta novela *Statira, e Zoroastes*, de Lucas José d'Alvarenga, publicada em 1826 no Rio de Janeiro. Wilson Martins, na sua *História da Inteligência Brasileira* (São Paulo: Cultrix, 1978, vol. II, pág. 159), refere-se a ela como “novela apologal”, e menciona “a república feminina que a novela parece sugerir”. Essa indicação foi o bastante para despertar minha curiosidade. “Utopias feministas” sempre foram um gênero aparentado da literatura fantástica, uma vez que requerem a visualização de sociedades viradas de pernas-para-o-ar.

O exemplar que localizei encontra-se na Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio. Impresso na Imperial Typographia de Plancher (Rio) em 1826, tem xxvi + 58 páginas, (sic) e é dedicado a “S.M. a Imperatriz do Brasil”, no quinto ano da independência e do Império. Wilson Martins, ao situar o livro no clima cultural da época, observa a falta de sorte do autor:

As preocupações políticas eram, porém, predominantes, o que se reflete na novela apologal de Lucas José d'Alvarenga (1768-1831), Statira, e Zoroastes, impressa na tipografia de Plancher, em 1826, e que se acredita ser o primeiro livro do gênero publicado do Brasil. Tal circunstância tem-lhe valido honras excessivas, na medida mesmo em que o autor, respondendo confessadamente a intenções antes políticas que literárias, nada inovou nos princípios da ficção alegórica. É uma tentativa canhestra do que poderia ter sido o “romance da geração da Independência”; dedicando-a a D. Leopoldina e alegando “motivos imperiosos (ou imperiais)” para publicá-la, o autor chegava, por infelicidade, tarde demais, porque a Imperatriz viria

a falecer a 11 de novembro e não poderia encabeçar a república feminina que a novela parece sugerir.

O livro

A princesa da Pérsia e seu marido vão visitar a “Escola dos Philosophos (ou Magos) que acabava de fundar-se às margens do Golfo Pérsico”. Lá são recebidos pelo filósofo Zoroastes, que conta a história de sua vida. Ele nascera príncipe, filho de um soberano de um grande e fértil país do Tibet. Um dia, andando numa floresta, avista e segue uma jovem belíssima, e vem a saber que ela é Statira, filha de um brâmane, e consagrada como uma das vestais do “Religioso Culto do Fogo”. Apaixonado, ele se disfarça de mulher e se junta a esse culto, ficando amigo de Statira, sob o nome de “Amâna”.

Um dia, durante um passeio, Statira e seu pai são raptados por cavaleiros. Zoroastes volta a se vestir como homem e sai em busca de pistas sobre o seu paradeiro. Chega ao reino da Lícia, e um dia julga ver Statira entre um grupo de caçadoras. Entra aí um parêntese na narrativa, explicando o que ocorrera na Lícia. Tempos atrás, os homens do reino tinham se tornado gradualmente efeminados e vaidosos, desprezando as mulheres e tratando-as como escravas. O país, decadente, acabou sendo invadido; os homens fugiram, refugiando-se nas cavernas. As mulheres, afeitas ao trabalho duro, repeliram os invasores e instauraram um governo feminino. A mãe de Statira foi proclamada rainha, por ter liderado a resistência.

Passado o perigo, os homens se reintegraram à população do reino

e começaram a conspirar contra as mulheres. A Rainha fez baixar um decreto instituindo a “Deusa Polícia” como “Protetora do Reino”, com a atribuição de levar os fatos ao conhecimento da “Deusa Justiça” (“sedentária velha como o Tempo”). A rainha promulga leis restringindo as liberdades individuais e instituindo a liberdade de imprensa. Instala uma Assembléia Constituinte.

A mãe de Statira acaba destroadada pela ambição do irmão de seu marido, e envenenada. Seu próprio irmão, que ocupava o cargo de Primeiro Ministro, é o “pai” de Statira; vendo a herdeira correr perigo, foge com ela para as Índias, onde se transforma em brâmane e ela em vestal. Tempos depois, a morte do tirano usurpador deixa vago o trono, e é isso que leva o grupo de cavaleiros a levar Statira de volta ao seu reino de origem.

Fechado o parêntese, a narrativa prossegue com Zoroastes se alistando como soldado no exército da Lícia, onde acaba se destacando em combates contra a nação dos “Cários”. Statira, agora rainha, lhe dá o comando-em-chefe dos exércitos. Os dois começam a ficar próximos; Zoroastes mantém-se incógnito, mas percebe que Statira começa a se apaixonar por ele.

Statira obtém do Conselho de Senadores a autorização para casar-se com um estrangeiro (o que até então era proibido por lei). Ela faz uma cerimônia pública e anuncia seu noivado com Zoroastes, entre aclamações do povo. De volta ao palácio após a cerimônia, Zoroastes revela sua verdadeira identidade: ele é a mesma pessoa que, sob o nome de

“Amãna” e vestes femininas, fizera amizade com Statira no outro reino. Logo depois, Zoroastes vem a saber que seu repentino desaparecimento do Tibet fizera seu pai morrer de desgosto, deixando o trono com seu irmão. Em seguida, Statira morre, o que ele interpreta como um castigo dos céus. Outra rainha irá substituir Statira no trono; Zoroastes resolve voltar para as Índias. As últimas páginas da narrativa são preenchidas com suas divagações filosóficas sobre a vida, a razão e as paixões humanas.

Comentário

O “plot” resumido acima poderia muito bem servir de base para um romance de Marion Zimmer Bradley ou C.J. Cherry: temos aí o reino imaginário, a paixão do príncipe pela vestal, o rapto, a fuga, o herói que penetra no outro reino sob identidade secreta, as batalhas, o casamento, a revelação da identidade, a morte trágica no final... um folheto completo, que sem dúvida renderia a um autor de fantasia dos EUA uma boas 600 páginas de peripécias. Lucas José d’Alvarenga, cujas preocupações eram mais doutrinárias do que narrativas, se dá por satisfeito com 58 páginas de texto. É uma concepção de literatura totalmente diversa.

Não se trata, também, de literatura fantástica propriamente dita. A rigor não existe nenhum elemento sobrenatural na história: seu caráter de fantasia se deve apenas ao fato de transcorrer num reino fictício, e de propor uma organização social puramente imaginária.

É interessante notar que as utopias feministas são mais frequentes,

na literatura brasileira, do que parece à primeira vista. *Statira, e Zoroastes*, que é de 1826, tem alguns pontos em comum com *A Rainha do Ignoto*, de Emilia Freitas, de 1899 (que comentei no *Somnium* n° 58), e com *Sua Excia. a Presidente da República no Ano 2500*, de Adalzir Bittencourt, de 1929, que comentarei em breve. Um detalhe que me chamou especialmente a atenção foi o fato de que tanto em *Statira...* quanto em *A Rainha do Ignoto* o homem apaixonado pela protagonista tem que se vestir de mulher para aproximar-se dela. Fico imaginando que uma leitura psicanalítica dessas obras seria extremamente rendosa, até pelo fato de que foram escritas por autores que não manipulavam conscientemente esse tipo de simbologia.

Quanto ao aspecto político/utópico: temos que lembrar que o século XIX foi o século em que as idéias socialistas se alastraram pela Europa como fogo num palheiro: primeiro o socialismo utópico de Saint-Simon, Fourier, Robert Owen e outros. Essas tentativas de visualização de uma sociedade sem classes envolviam, necessariamente, o conceito de igualdade entre os sexos. No mesmo volume em que comenta a obra de Alvarenga, Wilson Martins registra a fundação, em 1842, de um “falanstério” (comunidade igualitária, baseada nos ensinamentos de Fourier) em Santa Catarina. Seu fundador foi o médico homeopata francês Benoît-Jules Mure, e muitos colonos foram “importados” diretamente da França. O falanstério, denominado “Colônia do Saí” (por ser banhada pelos rios Saí-guaçu e Saí-mirim), durou pouco tempo:

“sucumbiu a crises internas desde o primeiro ano: a maior parte dos colonos regressou à França”. O dr. Mure voltou ao Rio, onde permaneceu durante vários anos como militante da medicina homeopática.

Feminismo e socialismo fourierista têm muitas coisas em comum; é curioso que a perspectiva histórica torne claros para nós, século e meio depois, laços de afinidade entre essas e outras correntes culturais.

Wilson Martins registra:

[O] *Espiritismo e a Homeopatia fizeram sua entrada no Brasil não apenas ao mesmo tempo, mas ainda como aliados; há mais, porém: a Homeopatia também trouxe consigo uma das formas mais vicijantes de socialismo utópico, o fourierismo.* (pág. 264)

Pode-se, aliás, dizer que nesse momento há “duas escolas” em praticamente todos os aspectos da vida social. A introdução da Homeopatia, que podia ter sido, e realmente foi nos seus propósitos, apenas um alargamento do campo científico, aqui tomou clara conotação de magia branca e religião (se considerarmos as suas ligações com o Espiritismo e o seu caráter de heterodoxia ou heresia com relação à Medicina oficial); o fato prenunciava fenômeno idêntico a ocorrer com o Positivismo, alguns anos depois. De resto, Augusto Comte também não

se recusara a formular um projeto de sociedade utópica, particularidade de sua obra que os comentaristas costumam passar em silêncio, para acentuar-lhe apenas a “filosofia positiva” – que foi, no Brasil, uma religião. Coube-nos em partilha o Positivismo místico de Auguste Comte e não o Positivismo científico de Littré, assim como recebemos a utopia bucólica de Fourier em lugar da utopia industrializante de Saint-Simon. (págs. 266-

267)

O Espiritismo e a Homeopatia fizeram sua entrada no Brasil não apenas ao mesmo tempo, mas ainda como aliados...

Quando comentei aqui no *Somnium* o livro *A Rainha do Ignoto*, registrei que a personagem do romance de Emilia Freitas é classificada como sendo “espírita, republicana e abolicionista”; ao mesmo tempo, a sua peculiar comunidade formada

apenas de mulheres é chamada pelas pessoas de fora, um tanto pejorativamente, de “uma maçonaria”. Veja-se como todos esses conceitos, que estão mesmo na medula das transformações sociais e culturais do século passado, aparecem sempre próximos uns dos outros, embora a rigor não houvesse nenhuma relação necessária entre eles. Um homeopata não era necessariamente socialista, uma feminista não era necessariamente espírita, um maçom não era necessariamente republicano: mas no espírito da época tudo isto eram teorias novas que

surgiam ao mesmo tempo, propondo uma nova organização de idéias, e era essa novidade que as tornava fascinantes aos olhos de uns, subversivas aos olhos de outros, e aparentadas entre si aos olhos de todos.

Tenho a impressão de que daqui a cem anos se dirá o mesmo sobre a maneira como hoje em dia essas cadeias culturais se formam, como cadeias de moléculas que têm uma misteriosa afinidade entre si: feminismo, ficção-científica, "conspiração aquariana", astrologia, visão holística, movimento ecológico, alimentação natural, "Terceira Onda", informática, voto no PT... Esse processo tem a característica curiosa de que alguns desses grupos afirmam com veemência sua simpatia por uns e, com igual veemência, sua antipatia por outros. Conheço gente ligada à informática que ridiculariza a turma da alimentação natural, gente ligada à ecologia que detesta FC, e vice-versa, e assim por diante: são os que estão subterraneamente interligados por um processo histórico muito mais amplo e complicado do que eles próprios imaginam.

O que *Statira*, e *Zoroastes* parece indicar, juntamente com as outras

...estamos ainda no processo de formação de uma identidade como nação e povo, e é compreensível que valorizemos mais a "literatura fiel aos fatos" (inclusive atribuindo-lhe uma objetividade que ela está longe de ter) do que a "literatura da imaginação"

obras que a ela se seguiram, é que esse impulso de imaginar novas sociedades sempre existiu na literatura brasileira, mas acabou sendo empurrado para um recanto obscuro por um impulso muito mais forte: o "realismo social", a tentativa de descrever o Brasil "como ele realmente é". Se observarmos nossa literatura nestes dois últimos séculos, iremos ver que o Brasil se preocupa muito mais em tentar entender o presente do

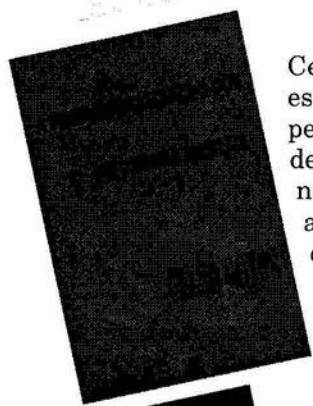
que imaginar outros presentes ou futuros alternativos; estamos ainda no processo de formação de uma identidade como nação e povo, e é compreensível que valorizemos mais a "literatura fiel aos fatos" (inclusive atribuindo-lhe uma objetividade que ela está longe de ter) do que a "literatura da imaginação". Esta última existe, no entanto: uma existência obscura e subterrânea, mas que aos poucos vai sendo revelada e confrontada com as idéias de hoje.

Braulio Tavares é músico, poeta e escritor. Vencedor do Prêmio Caminho de FC com A Espinha Dorsal da Memória, teve seu romance A Máquina Voadora publicado recentemente pela Editora Rocco.

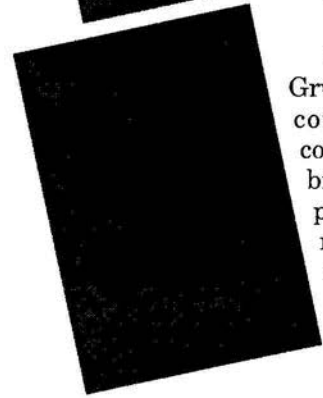




O Deficiente Auditivo, de Maria da Piedade Costa. A surdez traz conseqüências que interferem intensamente no desenvolvimento do indivíduo. Entre estas, a ausência da “fala” apresenta-se como problema crucial porque prejudica a competência ligüística do deficiente auditivo. O livro trata sobre este tema e destina-se a pais e especialistas que dedicam-se à educação de deficientes auditivos. A autora é licenciada em História Natural, Pedagogia e Psicologia, possuindo ainda mestrado em Educação Especial e doutorado em Psicologia Experimental.



A Profissionalização dos Deficientes Mentais, de Celso Goyos. O livro é dedicado a profissionais, estudantes e pesquisadores da área de educação especial, e igualmente a pais de indivíduos portadores de deficiência mental e demais pessoas interessadas na questão. O livro oferecê uma reflexão necessária a todos aqueles que estiverem atuando ou pretendem oferecer serviços na área. Seu autor, Celso Goyos, doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo e pesquisador visitante pela University of Wales, é docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos.



A Revolução dos Gerentes Brasileiros, de Roberto Grun. A revolução dos gerentes brasileiros mostra como esses novos atores da vida econômica contruíram um espaço privilegiado na sociedade brasileira dos últimos 25 anos. A revolução foi, principalmente, a instalação de uma nova maneira de ver e, portanto, de avaliar a contribuição dos diversos tipos de trabalho para a economia brasileira. O livro pretende mostrar como esse processo aconteceu e analisar as suas conseqüências, as quais afetam todos nós.

S O M M A R I U M



somnium 61

A Moderna FC e suas Origens II

Luiz Marcos da Fonseca

Continuamos com o tópico focado no número anterior do *Somnium*: a primeira abordagem literária dos grandes temas recorrentes da moderna FC, que aliás tem despertado um vivo interesse entre os leitores.

Percepção extra-sensorial

Seu primeiro aparecimento na ficção foi provavelmente em *The Bohemian* de Fitz James O'Brien, onde uma garota revela poderes ultra-perceptivos sob hipnose. Essa obra foi publicada em 1885, bem após a morte do autor (1862). Os primeiros alienígenas telepáticos apareceram em *Fifteen Months in the Moon* (1880), escrito por G.H. Ryan.

Imortalidade

O tema elixir da longa vida foi (é) um tema privilegiado na literatura "mainstream", na FC e mesmo na própria Ciência. Imortais apareceram pela primeira vez numa proto-FC, o livro III de Jonathan Swift: *Gulliver's Travels* (1726) onde encontramos os "Struldbrugs" na ilha Luggnagg, os quais nascem com uma pinta vermelha no olho esquerdo, marca que indica que eles jamais poderão morrer. Uma novela gótica, *St. Leon* (1791) escrita por Willian Godwin introduziu, pela primeira vez, o conceito de imortalidade artificial induzida por meio de um elixir de longa vida. Willian Godwin foi o pai da grande precursora da moderna FC: Mary Shelley, autora de *Frankenstein*, que para inúmeros pesquisadores, entre os quais Brian W. Aldiss, trata-se da primeira obra de FC moderna, uma vez que deixa de lado o aspecto sobrenatural, vigente até então, para se estabelecer uma base científica na criação do famoso monstro. Mary Shelley escreveu também uma estória sobre a imortalidade em *The Mortal Immortal* (1834).

○ super-homem

Ainda que H.G. Wells tenha criado super-heróis em *The Food of the Gods* em 1904 (com

várias traduções aqui no Brasil), Upton Sinclair mostrou um ser humano que desenvolveu super-poderes em *The Overman* (1906) e J.D. Beresford relata o desenvolvimento de uma super-criança em *The Hampdenshire Wonder* (1911). Uma novela de super-homem autêntica, que inclusive inspirou a criação do famoso herói da estória em quadrinhos, foi a FC *Gladiator* (1930) de Philip Wylie, conhecido no Brasil pelo seu romance do FC-Ecológica: *O Princípio do Fim* (*The End of the Dream*), editado pela extinta Nova Época Editorial Ltda., na década de 70.

• Uma discussão antiga, que muitas vezes retorna em algumas reuniões do CLFC, diz respeito ao conceito ou definição do gênero Ficção Científica, principalmente para sua diferenciação com outros gêneros a fim como a Fantasia, Realismo Fantástico, etc. Considerando a inegável dificuldade dessa conceituação, alguns autores e também alguns de nossos associados são atraídos por posições simplistas e acabam apelando para definições vagas, que chegam às vezes a obscurantismos do tipo: “FC é tudo o que o autor considera FC”, e outras que tais. Considero essas posições um tanto covardes, pois na realidade não deixam de ser uma fuga do problema. O bom doutor Asimov, recentemente falecido, dá o exemplo e produz uma definição bastante convincente: “O ramo da literatura que trata da reação humana às mudanças a nível da Ciência e da Tecnologia - entendendo-se que as mudanças envolvidas seriam racionais, acompanhando o que era conhecido sobre a Ciência, Tecno-

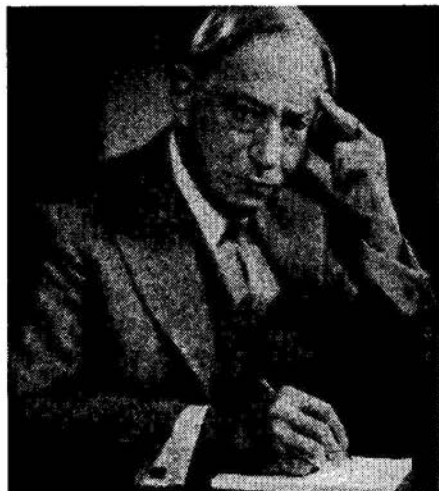
logia e as pessoas”.

Vejamos agora algumas definições propostas por especialistas do gênero.

A primeira é quase pré-histórica, proposta por Hugo Gernsback, um dos criadores da moderna FC em *Amazing Stories* de abril de 1926: “Por *scientifiction* (vocábulo proposto por Gernsback na ocasião, antes dele próprio consagrar *science-fiction*) eu penso nas estórias do tipo escritas por Júlio Verne, H.G. Wells e Edgar Allan Poe: um romance fascinante onde se misturam fatos científicos e visão profética”.

“É uma estória construída em torno de seres humanos, com problemas humanos e uma solução humana, a qual não poderia ocorrer sem seu conteúdo científico e especulativo” - Theodore Sturgeon.

“Ficção Científica é esta classe de prosa narrativa que discorre sobre uma situação que não poderia ocorrer no mundo que conhecemos, a qual é hipotetizada com base em alguma inovação na ciência ou tecnologia ou pseudo-ciência



Hugo Gernsback, um dos criadores da moderna FC

ou pseudo-tecnologia, de origem humana ou extra-terrestre" - Kingsley Amis, no seu livro sobre FC, *New Maps of Hell*.

"A FC trata com possibilidades improváveis e fantasia com impossibilidades plausíveis" - Miriam Allen deFord.

"Histórias fantásticas baseadas na Ciência" - primeira definição do dicionário Webster.

"A ficção científica é quando existem foguetes e marcianos - definição típica de leigos" - Jacques Van Herp em *Panorama de la Science Fiction*.

"Trata-se de ficção científica quando quando o escritor pensa que tudo que escreveu poderá acontecer, e Fantasia se ele pensa que não poderá acontecer" - John W. Campbell.

• O último número da publicação Quasar (Argentina) traz um interessante artigo do seu editor, o fã Luis Pestarini, sobre a popularidade dos autores segundo as premiações literárias do gênero. Considerando apenas o Hugo e o Nébulas, e outorgando 4 pontos a cada autor por cada prêmio na categoria novela, dois pela indicação, três pontos por prêmios nas demais categorias, e um por cada indicação, o autor chega a duas tabelas de classificação de popularidade. Considerando inicialmente os Hugo (com votação de fãs, e portanto um prêmio popular), de 1953 a 1993, temos as seguintes colocações:

1)	R. Silverberg	39
2)	P. Anderson	34
3)	H. Ellison	29
4)	R. Heinlein	28
5)	L. Niven	27
	J. Varley	27

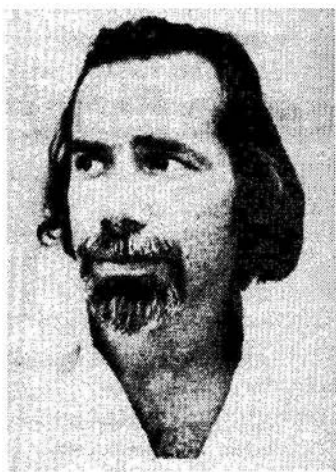
	R. Zelazny	27
6)	F. Leiber	26
7)	U.K. le Guin	25
8)	O.S. Card	21
	C.D. Simak	21
	C. Willis	21
9)	I. Asimov	20
	D. Brin	20
10)	C.S. Cherryh	18

Outras colocações de autores importantes no nosso meio: A. Clarke, 17° (16); P.J. Farmer, 21° (13); P. Phol, 24° (13); S.R. Delany e W. Gibson, 27° (11); B. Aldiss, F. Herbert, B. Sterling, T. Sturgeon e J. Vance, 39° (8); P.K. Dick, 46° (7); R. Shekley, 98° (2).

Com relação aos Nebulas (com votação direta dos membros da Science Fiction and Fantasy Writers of America, e portanto mais elitista), de 1966 a 1993 temos o seguinte resultado:

1)	R. Silverberg	40
2)	G. Wolfe	25
3)	U.K. LeGuin	24
	D. Wilhelm	24
5)	P. Anderson	23
	R. Zelazny	23
7)	S.R. Delany	22
	C. Willis	22
9)	F. Pohl	21
	Bishop	21
11)	F. Leiber	19
12)	H. Ellison	18
13)	O.S. Card	17
14)	G. Benford	16
15)	J. Tiptree	15
	I. Asimov	15
	G. Bear	15

Outras colocações de interesse: A. Clarke, 18° (14); R. Heinlein, 26° (11); P.K. Dick, T. Dish, W. Gibson, C.D. Simak, 30° (10); A. Bester e T. Sturgeon, 50° (6); F. Herbert, 60° (4); R. Bradbury e J. Vance, 66° (3); P.J. Farmer, 73° (2).



Robert Silverberg, o escritor que mais ganhou os prêmios Hugo e Nebula.

Notamos que Robert Silverberg é uma unanimidade convincente. Já Gene Wolfe caracteriza-se como um “escritor para escritores”, o mesmo podendo ser dito sobre Kate Wilhelm. Já Harlan Hellison, pelo mesmo raciocínio, trata-se de um autor mais popular, e deve ser destacado também pelo fato de ter alcançado as posições de destaque em ambas as votações apenas e unicamente graças à pontuação de contos (com menor valor na pesquisa).



Harlan Hellison

P.K. Dick ficou de fora dos primeiros lugares nas duas listas. Na realidade, Dick sempre foi ídolo nos países europeus, notadamente na França. Nos EUA, tornou-se um autor “cult” apenas após sua morte. Bons autores que não pontuaram bem, como Sturgeon, Vance e Bester possuem o melhor de suas obras editadas antes de 1953, quando iniciou-se a premiação mais antiga, o Hugo. Também fica evidente o famoso bairrismo (ou xenofobia?) exacerbada nos norte-americanos que não poupa sequer os autores ingleses: o autor estrangeiro melhor colocado é A.C. Clarke (!).

Deixamos para o leitor a tarefa de confeccionar o *ranking* final acumulado, que ó obtido somando-se os pontos nas duas tabelas e obtendo-se assim a classificação global para os dois mais destacados prêmios da FC.

O trabalho de Pestarini é bastante curioso, todavia deve ser analisado com certa cautela, uma vez que coloca num mesmo saco autores antigos (quase sempre com maior produção e participação nos prêmios), autores recentes e também autores falecidos, que não produzem mais (isso evidentemente até o surgimento de uma IA representativa de seus estilos!). Finalmente podemos ressaltar que as estrelas mais brilhantes da nova geração ainda fazem uma pequena figura nas duas listas: G. Bear, 20° (13) no Hugo e 11° (15) no Nebula, Kim S. Robinson, 20° (13) no Nebula.

Luiz Marcos da Fonseca é colecionador e pesquisador de FC. Foi presidente do CLFC por duas gestões antes de assumir a editoria do *Somnium*.

Legiões de Babel

Braulio Tavares

*No caos de uma noite
chuvosa, em meio a um
engarrafamento, um motorista
acompanha o desenrolar dos
acontecimentos pensativo.
A procura incessante pelos
segredos finais da existência
levando a uma situação
inimaginável...*

Ele sempre soubera que viriam; nunca con-
seguiu imaginar, contudo, quem
poderiam ser.

Ele vem dirigindo seu automóvel pela Avenida Brasil, e são três horas da madrugada. Tem o corpo fatigado, e isso soa um tanto absurdo, uma vez que passou o dia inteiro sentado numa cadeira giratória, ou caminhando em corredores acarpetados, subindo ou descendo em elevadores, e, na maior parte do tempo, lendo, escrevendo e falando ao telefone. Vai ver que é por isso que nos fatigamos tanto, pensa ele: usamos muito poucos músculos ao longo do dia, mas usamos apenas aqueles, e o tempo todo. Por outro lado, ele sente que sua mente está alerta, plenamente desperta e acesa, a despeito das... quantas? das quinze horas de trabalho ininterrupto, fazendo apenas algumas breves pausas para um sanduíche (enquanto lia um relatório), um cafezinho (enquanto discutia algum obscuro detalhe com outro pesquisador) e um cigarro (e de volta ao trabalho, de volta ao teclado do micro e ao telefone). Ele leu em algum lugar que a atividade mental consome, em alguns casos, mais de quarenta por cento de toda a energia produzida no corpo. Muito bem, pensa ele; a *minha* mente deve estar queimando combustível químico com a mesma prodigalidade com que os poços do Kuwait estão queimando petróleo após a guerra (e, para ser sincero, de modo igualmente inútil).

Agora começa a chover forte, e sua mente reduz o monólogo interno, passando a concentrar-se nas imagens que desfilam do lado de fora. Madrugada chuvosa na Avenida Brasil: bela perspectiva para um sujeito cansado! Ele observa que já deve ter chovido antes, porque nos trechos

baixos da Avenida há largas poças d'água por onde os outros carros passam espadanando ondas para os lados. Ele começa a recear que, lá adiante, o trânsito esteja engarrafado nas proximidades da conhecida lagoa que se forma na Avenida, nas imediações da fábrica de sabão, sempre que chove mais forte.

Em todo o caso, a Avenida Brasil é um bom lugar para se dirigir... desde que se vá a oitenta por hora. De ambos os lados ele vê passar a intrincada colcha de retalhos da economia urbana, gerada pelo acúmulo aleatório dos ofícios humanos: oficinas mecânicas, restaurantes, armazéns, postos de gasolina, cafeterias, supermercados, pequenos edifícios de escritórios, revendedores de carros usados, igrejas fundamentalistas, gafieiras, botequins, lojas de ferragens, churrascarias, cinemas decadentes, terrenos baldios, delegacias de polícia, hotéis baratos, motéis de luxo, lojas de móveis, terrenos de Umbanda... como é que alguém se atreve (pensa ele) a tentar imaginar, a descrever uma Cidade no ano, digamos, 2050, quando é tão difícil avaliar com nitidez todas as variáveis envolvidas?... uma única mudança social seria capaz de, em menos de uma década, varrer do mapa toda uma categoria de atividades, e...

Cem metros à frente, uma multidão de faróis traseiros de automóveis; a chuva já diminuiu, mas sem dúvida a lagoa está cumprindo o seu papel de dificultar a vida alheia. Está bem, está bem; vamos acender um cigarro, e relaxar; é tarde da noite, o trânsito não está muito intenso, daqui a pouco estaremos em casa. Ele tenta descontrair-se, mas quando pára seu carro atrás do últimos, começa a inquietar-se novamente, ao perceber que

das áreas sombrias da Avenida, das vielas e ruas estreitas que a intersectam, um grupo de figuras acaba de surgir, gritando, dando saltos no ar, e em menos de um minuto já se espalham em redor dos automóveis bloqueados, correndo em todas as direções, esmurrando as janelas dos carros, rindo, dando berros ameaçadores. Seus corpos negros ou mulatos estão reluzentes de água da chuva; alguns tiraram as camisas e as trazem amarradas à cabeça; estão quase todos descalços, e parecem possuídos por algum tipo de demônio infantil e perverso.

O homem não esboça nenhuma reação. Ele sabe que tudo é apenas uma questão de tempo, e de sorte. Sabe que não tem muito a temer, pois os assaltantes são muitos, mas os carros também são numerosos. Ele dirige um *Fiat* que já tem 90.000 quilômetros de idade, e se alguém tem motivos para ficar inquieto é esse sujeito gordo e barbudo que pilota o reluzente *Santana Quantum* à sua esquerda – o qual, aliás, acaba de retirar do cofre um revólver e o exhibe acintosamente. Os garotos o insultam e esmurram o capô do carro, mas não fazem nada além disso; o homem os mantém sob vigilância, mas também não parece muito assustado.

Ele ouve um grito; vira o rosto e se depara com as feições retorcidas de um garoto que pressiona o rosto de encontro ao vidro. Ele retribui fazendo também uma careta, e o garoto solta uma gargalhada e sai aos pulos; não deve ter mais de quinze anos. É um jogo, pensa o homem; mesmo quando há violência, e ferimentos, e morte, não há propriamente ódio, não há uma raiva consciente

e deliberada. Para eles é como um jogo a que "B" é arrastado por "A". Eu tento roubar você, e você tenta me matar. Eu tento te bater, você tenta reagir. Ou: eu avanço, você revida.

Mais adiante, começa a se elevar um alarido ainda maior. Alguns dos rapazes conseguiram arrombar a porta traseira de um caminhão frigorífico, e, antes que o motorista possa fazer qualquer coisa, invadem-no: daí a pouco estão fugindo, dezenas deles, sobraçando pacotes congelados de plástico contendo presunto, salsichas e frango.

Por fim os carros vão se afunilando numa única direção, e agora é a vez do homem de colocar o seu, com toda cuidado, através da parte mais rasa da lagoa, por sobre uma precária faixa de asfalto ainda inteiro; ele produz ondas que se espalham para ambos os lados mas finalmente emerge do lado oposto. O homem solta um suspiro de alívio e pisa no acelerador. Ele acende outro cigarro, prometendo a si próprio que é o último de hoje, e começa a procurar uma fita cassete na caixa situada por baixo do freio de mão. A esta altura a chuva já passou por completo e ele assobia despreocupado, mexendo nas fitas até encontrar uma que corresponda ao momento. Coloca-a no toca-fitas, e daí a pouco a voz de Caetano Veloso invade o interior do carro.

*Quando eu me encontrava preso
na cela de uma cadeia,
foi que eu vi pela primeira vez
as tais fotografias
em que apareces inteira,
porém lá não estavas nua
e sim coberta de nuvens...
Terra... Terra...*

*Por mais distante
o errante navegante,
que jamais te esqueceria?...*

A mente humana é uma criatura elusiva, pensa ele. Pessoas como eu se dedicam à investigação do que chamam "essência fundamental da realidade", e fazem isso com o auxílio de ciclotrons, câmaras de bolhas, aceleradores de partículas; fazem isso arrebatando pedaços-de-realidade em pedaços ainda menores, na esperança de que um dia acabarão encontrando o "pedaço" fundamental da matéria. Mas quem nos garante de que o *menor* é, por isso mesmo, o *mais essencial*? O mais importante? A essência que define a matéria talvez esteja em seus processos e nas suas relações, não em seus fragmentos despedaçados – os quais, sozinhos, não-relacionados, nada valem. É como aquela velha piada dos tempos de colégio: como é que uma molécula, sozinha, sente calor? Como é que sente frio?

Ele joga a ponta de cigarro e vê pelo retrovisor como ela explode em fagulhas de encontro ao asfalto. À sua frente surge um viaduto, e ele enfia o carro pela longa plataforma de concreto. À sua esquerda aparece o cais do porto, os navios pintados de preto e branco, os enormes guindastes cor de laranja; à direita, uma fila interminável de armazéns.

Ficamos explodindo pedacinhos de matéria, pensa ele, e fazemos um mapa dessas explosões; e daí? É a mesma coisa que empregar a viviseção para descobrir o sentido da vida humana. Para quê partir o átomo, para quê ceder a esse delírio quantitativo? Para quê desmembrar as coisas e com isso perder a única força

que lhes confere sentido – sua relação umas com as outras? Será possível que o segredo do Universo possa estar cifrado no microponto de um único quark? Será que o enigma das Escrituras está oculto no interior de uma única letra? O homem encolhe os ombros, e boceja. Vai ver que os poetas estão certos, pensa. Em vez de dissociar as coisas, conectá-las. Em vez do menor, o mais complexo; o abrangente; o que tudo inclui em si.

Agora que ele guia ao longo da Praia do Flamengo, e nos alto-falantes do carro a voz de Caetano canta:

*Um índio descerá
de uma estrela colorida e
brilhante;
de uma estrela que virá
numa velocidade estonteante;
e pousará no coração do
hemisfério sul
da América, num claro instante...*

*Virá!
Impávido que nem Muhammad
Ali,
virá que eu vi!
Tranqüilo e infalível como Bruce
Lee,
virá que eu vi!
Apaixonadamente como Peri,
virá, que eu vi!
O axé do afoxé Filhos de Gandhi;
virá!*

Sim, sim, eu sei que *Algo* está vindo, pensa ele, enquanto estaciona o carro e desliga o toca-fitas. Só não sei *O Que* poderá ser.

Ele sobe ao apartamento, toma um banho de chuveiro, vai à cozinha e prepara um sanduíche. Nessas horas não sou muito cientista, pensa;

vou acabar tendo uma úlcera gástrica. Em todo caso... como divaga, bebendo uma lata de Coca-Cola, e esse sabor experimentado cotidianamente traz de volta ao seu cérebro toda uma cadeia de associações. Sua mente começa a perseguir mais uma vez os cálculos exasperantes que quase o fizeram perder o juízo nestes últimos dias, mas agora ele começa a intuir uma nova pista, a farejar uma trilha ainda não explorada; pega uma caneta, vai à escrivania, começa a rabiscar...

Silenciosamente, elas emergem das fendas da parede; em poucos minutos é possível ver a fileirinha dupla ou tripla, umas subindo, outras descendo, entreparando-se por um segundo e prosseguindo, às pressas, atarefadíssimas. Ele morde a tampa da caneta, contempla com olhos aéreos o corre-corre com que vêm descendo e invadem o chão, sempre beirando os móveis e os objetos tombados. São minúsculas, e atarefam-se em carregar grãos de açúcar ou de farelo, invadem as latas abertas, fervilham sobre os pratos deixados sujos, penetram nos moles túneis dos pães e das frutas, na sua insensata coleta de resíduos. O homem se ergue, aplica o spray penetrante nas cavidades que as produz, extermina centenas sob o jato venenoso. Retorna à sua busca manuscrita, para acabar percebendo, horas depois, que outro orifício entre os tijolos já revela novo desfile desordenado a se estender pela parede afora. O homem está cansado, porque as idéias não se encaixam, os números não coincidem com as formas que acabou de conceber, e ele franze a testa, dilatando as veias, tentando forçar a íntima destilação de uma frase limpa que

possa enfim gotejar sobre a página coberta de exaustão e rabiscos. Força-se a esquecer aquele burburinho inaudível que o cerca, e mais tarde, ao erguer o dorso sobre a folha de papel, deixa ali vinte ou trinta linhas de caligrafia tortuosa, mas sorri, ao reler esses signos universais que agora são seus, e ao evocar novamente as forças aí aprisionadas.

Mas agora ele dorme, com o rosto enfiado no travesseiro, o corpo jazendo sobre o colchão como se caído de enorme altura. No seu sono ele ignora que a escrivanhina começar a ser tomada pela miúda multidão sem cansaço: escalam as colunas de madeira, estendem-se em incertas filas ao longo das bordas, espalham-se sobre a indefesa folha de papel. Algo deve estar comandando este corpo escuro, discreto, corpuscular; algo deve estar a impor-lhe esta nova tarefa, que lhe parece a mesma dos milhões de minutos anteriores, pois elas agora se entregam ao minucioso desmonte daquela outra coisa abandonada sobre a mesa, e dali vão desprendendo letras após letras, conduzindo-as até os subterrâneos, onde jaz à espera a gula das larvas.

E quando ele despertar pela manhã, verá os últimos instantes de devastação e gritará, e esmagará sobre os pés tantos e tantos batalhões, e com enormes pontas de dedos tentará resgatar vogais e consoantes,

mas já é tarde, pois todas as outras foram absorvidas pelas cavernas famintas, e ele apenas reconstituiu sílabas partidas, equações truncadas, e um único fragmento que não decifra, e que não escrevera na véspera:

*arMagus
gedoom
microdeath
Hexenburgazmad
ouçam!
lo caninos sanglants
de Já-Vou.*

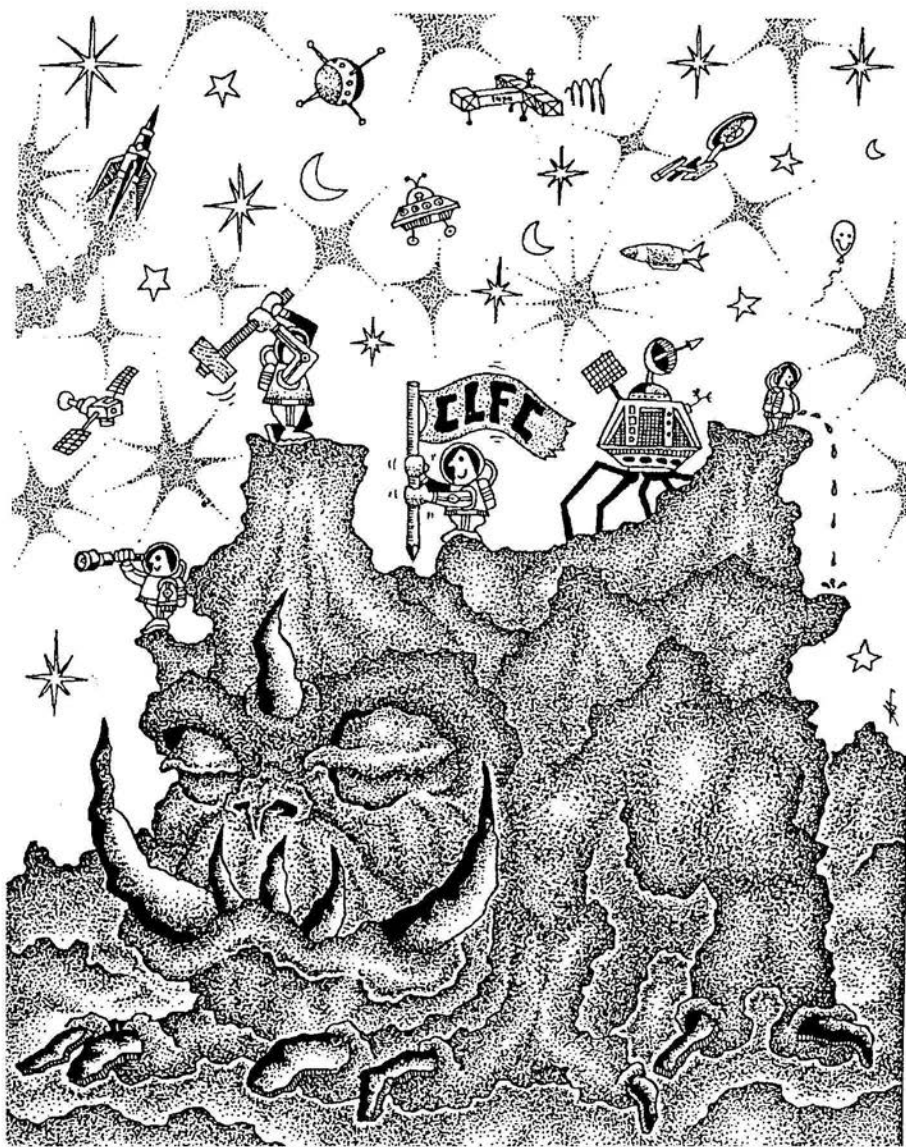
Braulio Tavares é músico, poeta e escritor. Vencedor do Prêmio Caminho de FC com A Espinha Dorsal da Memória, teve seu romance A Máquina Voadora publicado recentemente pela Editora Rocco.



Outras
as fa-
stitui
cadas,
e não
ra na

Galeria de Arte

escritor.
com A
seu ro-
licado



Argonauticà

Anna Creusa

O termo em grego usado no plural permite ler Viagens Argonáuticas, adverte-nos a autora.

Pelos descaminhos do espaço-tempo, a viagem não contada da tripulação da Argos.

A “aurora do trono de ouro” encontrou Circe, a das “lindas tranças”, com os olhos fixos no teto da caverna milenar. Os pesadelos haviam-se apoderado dela, cavalgaram-na a noite toda e só fugiram com o raiar do dia.

A maga levantou-se de um salto, agitando o pássaro de ouro que trinava na gaiola. Suas vestes diáfanas varriam o chão enquanto pés ligeiros como asas galgavam os degraus do esconderijo. Pó e ferrugem invadiram suas delicadas narinas. Localizou a opalina, presente dos deuses, e rapidamente procurou saber que acontecimentos eram aqueles que vinham perturbar suas noites de sono. As imagens surgindo, imprecisas a princípio, envoltas em denso nevoeiro, acabaram por colocar aquela ruga de impaciência na fronte juvenil da feiticeira. Pouco a pouco seus olhos foram penetrando a densa fumaça e então ela pôde ver a embarcação que, silenciosa, cortava a neblina.

– Gregos! – exclamou admirada. – O que fariam eles naquelas águas que homem sensato jamais pensaria em navegar? E como estariam relacionados com o mar de sangue que ela via em seus pesadelos?

Girou a opalina para melhor vistoriar a embarcação, sua tripulação e seus propósitos. Olhos que espargiam luz dourada, atestado do seu parentesco divino, correram o navio de popa à proa... detiveram-se cobiçosos no másculo aventureiro que, hirto, dorso coberto apenas por uma pele de carneiro, olhar ansioso e firme, fitava o horizonte. Silenciosos, hirtos como ele, estavam os companheiros. Traziam na pele curtida de sol o passaporte de suas origens: homens do mar. Estavam acabrunhados como se as mãos que seguravam o remo e a espada

tivessem se extraviado por caminhos diferentes daqueles do coração e do pensamento. Confiaram ao mar o regresso, mas não sabiam até onde a ira de Zeus poderia levá-los. Tinham rogado aos imortais que facilitassem o caminho até Circe, a das “belas tranças”, pois somente ela poderia purificá-los da hedionda morte de Apsirto.

– Morte de Apsirto? – gritou, horrorizada.

Girou novamente a opalina e focalizou o tempo passado. A escuridão tentava inutilmente esconder o tempo e, atrás dele, Jasão aguardava... Medéia desviando os olhos da cena cobria, com o seu branco manto, o corpo do irmão. Apsirto foi abatido como se fora um animal. Num ritual macabro, o chefe dos argonautas arrancou-lhe as primícias – mãos, pés e orelhas. Três vezes lambeu o sangue e cuspiu na cara do morto, pensando assim fugir da sua ira no além túmulo. Medéia, num sinal convencional, ergueu a tocha. Estava selado o pacto sinistro.

Circe não queria ver mais nada. Abandonou o empoeirado esconderijo e, com passos mais rápidos ainda, correu para os subterrâneos da caverna.

E buscam a mim para purificá-los? Eles que podendo usufruir do aconchego dos seus lares partiram para terras e águas longínquas desafiando os imortais? Eles que derramaram o sangue de um parente meu? Pensava ela, enquanto corria pelos túneis do labirinto que o vento, embora curioso, não conseguia penetrar.

– Não te bastam os caminhos dos mortais? – gritou como se ouvidos pudessem ouvi-la. Sua voz era tão estridente que desacomodou os

animais da caverna, alguns deles pobres marinheiros por ela metamorfoseados.

Numa sala fechada por paredes que abriam um caminho para o mar, buscou nas imensas prateleiras, entre livros tão antigos quanto o tempo, alguns mais velhos do que ela, aquele que procurava. Delgados dedos, enovelados de ricos anéis, acariciaram as letras douradas da lombada.

– Aqui está! – disse sorrindo. – Jasão, príncipe grego, regressou a Iolcos, sua cidade natal, depois de muitos padecimentos no mar. Trouxe consigo as prendas da vitória: o velo de ouro e a mulher estrangeira, a maga Medéia.

– Mas terão, primeiro, que receber a purificação das minhas mãos – resmungou entre dentes, – do contrário, todos os caminhos ser-lhe-ão fechados!

Com um gesto brusco arrancou a página do livro e, na folha seguinte, que embora amarelecida pelo tempo estava em branco, escreveu com caprichada letra: “Jasão, príncipe grego. Depois do hediondo crime praticado contra Apsirto, ventos funestos levaram a Argos para a ilha do Âmbar, região que os argonautas deveriam ter evitado. Ali, onde o imprudente Faetonte conheceu a morte, só se ouve, além do barulho nostálgico dos remos, os soluços de suas tristes irmãs, agora transformadas em choupos. E, guiados pelos conselhos da desgraçada Medéia, destituída pelos imortais dos seus poderes, enveredaram por um longo e desconhecido caminho. Nunca mais se ouviu falar deles.

Colocou o Livro do Destino no lugar de onde o havia retirado, saiu

da caverna e caminhou para o mar. Uma negra nuvem que se abatiera sobre sua ilha, qual faixa enlutada, foi pouco a pouco se afastando e em seu lugar passou a brilhar radioso sol.

Circe banhou-se nas águas claras do mar e depois, com pente de ouro, se pôs a alisar seus lindos cabelos.

* * *

Sebastian tentava manter os olhos fixos no painel e lutava... lutava para não fechá-los. A cabeça estava oscilando, a princípio devagar, depois intensamente e agora ela executava um bailado como se muitas cabeças estivessem a dançar, cada uma de um lado. Isso o punha a pensar no deus bailarino com seus vários braços e suas muitas pernas. Um sentimento de prepotência inflava suas veias nesse confronto com a divindade, pois afinal ele se sentia com muitas cabeças.

– Nesses momentos – dissera o médico –, procure trazer à memória cenas agradáveis. Da sua infância, por exemplo.

Ele tentava, mas o que lhe restou da infância foi a morte prematura dos pais e a vida vivida com o avô idiota morto num asilo para doentes mentais. Pensou nos seus amores, hoje apenas fotografias... quantas vezes ela me esperou? Carne fresca, negras tranças... hoje, apenas fotografias!

– Sebastian! – A voz do avô soava na sua memória. – Sebastian, estou vendo as colinas! As árvores ficam vermelhas na primavera! Ah! Como eu gostaria que você pudesse vê-las, Sebastian! – Mas ele não podia. Olhava para além da janela do quarto que oferecia a sua intimidade para a agonia do avô e apenas conseguia ver a chuva caindo... caindo sempre!

A bruma e a morte estão a buscar-me. Não terei mais uma primavera. O caminho da colina com as árvores vermelhoníricas me é vedado. Seus olhos estavam marejados. Ninguém deve me ver desta maneira, pensava, tentando afastar energicamente aqueles restos de lembranças. Eram momentos íntimos que ele concedia compartilhar apenas com a dama de negro que, em breve, viria buscá-lo.

– Tenente! – Uma voz firme interrompeu seus pensamentos. – O senhor está sendo esperado na enfermaria. – Ele tentou evitar que o médico de bordo percebesse o indício de tensão em seus ombros.

– Doutor, ainda não cumpri o turno que...

– Pode retirar-se, tenente!

Sebastian sabia que nada adiantariam reticências. Levantou-se e ganhou o caminho do corredor.

– Para a enfermaria, tenente! – Ouviu a voz do médico dizendo antes que a porta do elevador fechasse a comunicação entre eles.

“Estão cortando as minhas saídas”, pensou amuado enquanto se decidia pelo caminho do alojamento. Assustou-se com a voz na parede, jorrande pelo interfone: – Tenente, o senhor está sendo aguardado na enfermaria. – Estavam a vigiá-lo. O avô lhe prevenira. No final eles começam a caçar você, Sebastian! A sua irritação foi crescendo... não, não iria para a enfermaria. Não, enquanto aquela bruxa estivesse lá. Continuou caminhando... o corredor parecia se estender infinitamente sob seus pés e, no final dele, avistou o avô a esperá-lo. Eles tinham em comum o sofrimento compartilhado. Ia acenar com alegria, quando os homens da segurança lançaram-se sobre ele. Sebastian

gritou, gritou como quando a cabeça de Alison foi esmagada e ele nada pôde fazer para socorrê-lo. Ouviu vozes e depois aqueles olhos amarelos fitando-o.

Estava acordado, agora. Sentia além do zumbido no ouvido uma fadiga que lhe relaxava os músculos. Buscou pelo avô. Mas encontrou à sua frente os olhos amarelos da Dra. Retzel. Olhos cor de gasolina, diziam todos da tripulação, mesmo os que desconheciam o obsoleto combustível.

– Sente-se melhor, tenente?

Não havia naquele rosto um detalhe que realçasse sua beleza. O nariz pequeno e arrebitado não parecia ter sido feito para a boca grande e generosa no sorriso. Os olhos eram amarelos e estavam sempre sérios, mesmo quando a boca ria. Dir-se-ia que, nela, a genética estivera a brigar e não a intercambiar. Era esbelta, mas os gestos curtos e ríspidos que executava com as mãos permitiam que a elegância do talhe passasse despercebida.

– Sim, senhora!

Não queria cair no desagrado dela. Desde o início da viagem ficara claro para ele quem mandava naquela nave. O próprio comandante era reisetete perto dela. O único a bordo a lhe oferecer resistência era o Dr. Randard. Havia, é claro, aquela perda que ela sofrera: marido e filho vítimas, como ele, daquela maldita doença. E essa perda lhe dava um saldo positivo; o único que Sebastian conseguia creditar para ela.

Sentiu um toque amigo nas mãos. Era o comandante. Havia servido com ele em várias missões... estava tentando içar as lembranças de uma viagem a Taner onde ele e a tripula-

ção tinham passado bons momentos, mas o que realmente veio à tona foi aquela terrível missão... Sebastian fechou os olhos... a garganta estava seca... aquela missão no fim do mundo... aquela voz que balançava a sua cabeça como se ela fosse um peão desses que os garotos rodam...

Sebastian abriu os olhos e sorriu... tentou mantê-los abertos, mas uma lassidão tomou conta de seu corpo. Tentou apertar a mão que segurava a sua. Não conseguiu. Tentou abrir novamente os olhos. Não teve forças.

– Ele se foi, comandante! – A voz da Dra. Retzel estava calma, mas a mão que pousou no ombro do comandante estava trêmula.

– Como os outros!

– Sim, como os outros!

– A “peste” vai nos levar a todos, doutora.

– Eu espero que não. É por essa razão que estou aqui.

– Não conseguimos impedir o avanço da “doença”. Veja Sebastian...

– Ele estava doente há muito tempo – disse ela, interrompendo-o.

– O mesmo tempo que eu, doutora.

– Os corpos são diferentes e, o mais importante, a mente é diferente. Ela havia tomado seu braço e caminhava, enlaçada nele, pelo corredor. Estava fragilizada. A maneira macia de falar e caminhar atestava-no. O comandante preferia vê-la na forma antiga, mandona, como todos diziam. Era ela a única esperança para a cura daquela terrível “doença” que, como epidemia, diminuía o número da tripulação.

* * *

O corpo de Sebastian foi velado

na Capela. A Dra. Retzel se ofereceu para o elogio fúnebre.

– Estamos todos aqui, Sebastian, numa espera feita de irritação e impotência, mas confiantes. Acreditamos que, no futuro, o espaço dará a conhecer que a sua poeira é feita, entre outros, dos corpos que a ele foram confiados. Como um antigo argonauta você teve que enfrentar a ira dos deuses e a insegurança dos caminhos. – O comandante levantou a cabeça, admirado. – Assim como o mar foi hospitaleiro para com eles, nós esperamos que o espaço seja com você.

Um canto suave ganhou, depois, um compasso guerreiro. Era a última homenagem dos companheiros.

Na intimidade do corredor, o comandante lhe perguntou:-

– Quem lhe contou?

– Quem me contou o quê, comandante?

– Não venha com artimanhas, doutora. Sobre os argonautas.

– Foram

os tapes.

– Os tapes somente registraram depoimentos. Foi Sebastian?

– Sebastian foi interrogado sob o efeito da hipnose, mesmo assim ele pouco falou. Disse que eram ordens; suas ordens, comandante!

– Estamos tentando evitar alarido, doutora.

– Eu busco os fatos, do contrário, não posso trabalhar. Agora que Sebastian se foi, espero que o senhor e os seus comandados “destravem” a língua, se não... – ela fez uma pausa buscando criar suspense, – vou desistir. Boa noite, comandante Di

Falco. – Raramente ela o tratava pelo nome.

– Boa noite, doutora!

* * *

No alojamento não buscou o leito. Esticou as pernas numa poltrona, pensando que aquela seria mais uma noite de insônia. Um toque discreto na porta fê-lo voltar a cabeça e, antes que dissesse um



“entre”, o Dr. Randard estava à sua frente. Os dois copos que as mãos dele equilibravam como troféu continham um líquido verde, espumoso.

– Menta? – perguntou o comandante.

– Suco de lagartixa... era uma lagartixa cinzenta, triangular, polvilhada por uma finíssima poeira, levemente esverdeada. Estava quieta na fenda de um muro e me olhava... olhava com seus olhos amarelados...

– Soltou uma risada, sacudindo os ombros, e disse: –Apenas um pedaço de mercúrio animal. O que ela queria?

– A Dra. Retzel?

– Quem mais? Você pensou que eu me referia à lagartixa? – disse o médico colocando um dos copos na mão do comandante. – Só ela tem o poder de deixar você trêmulo. Vamos contar tudo o que sabemos e teremos paz.

– Quando olho para trás em direção aos incidentes, as imagens regressam de maneira insidiosa; apesar de não vê-las sinto que estão aqui de novo... deslizam para um recanto dos meus pensamentos e espreitam...

– Talvez ela encontre um antídoto para o mal que se apoderou de nossas almas e resolva o problema – falou o dr. Randard, interrompendo-o.

– Você acredita mesmo que é só psíquico?

– Acredito. Mas não imagino um meio para a cura. Sei que não é praticar algo como uma terapia.

– É mais sofisticado?

– Não. É mais violento! Saúde! – disse ele em seguida com um discreto tilintar de copos. – E, por favor, não faça essa cara de ironia. Quanto mais cedo você convocar uma reu-

nião para responder ao interrogatório “dela”, melhor será.

* * *

A reunião estava tendo início. De-la faziam parte ele próprio, o seu imediato, o Dr. Randard, a Dra. Retzel com a sua assistente e dois oficiais de bordo. Na porta estava Roldano, o único robô a bordo. Fora anexado ao processo que investigava as causas dos incidentes da viagem a Svarga.

O comandante abriu a sessão com as palavras protocolares e depois passou o comando da mesma para a Dra. Retzel.

– Vejamos, comandante – disse ela –, o que aconteceu naqueles dias... aqui está! – Suas mãos seguravam um “tape” que ela havia retirado de uma pilha de cinco ou seis. – A Argo estava em viagem de rotina. Apesar da paz que reina na galáxia, ela estava bem equipada para repelir um ataque inoportuno. Seu objetivo era recambiar objetos de arte de Svarga para a Terra. Surge aqui a primeira grande pergunta: por que as viagens da Terra a Svarga não foram dadas a conhecer antes? E como poderia haver objetos de arte da nossa civilização nesse planeta, se o intercâmbio foi anterior à navegação espacial?

– Achamos que a senhora tem as respostas, doutora.

– Correto. Os habitantes de Svarga visitaram a Terra em distantes auroras. Mas eu gostaria que os senhores respondessem as minhas perguntas.

– Algumas informações são secretas, doutora. O “corredor” para Svarga é controlado pelos militares.

– Os militares me garantiram o acesso às informações, incluindo o

“sky-trap”. É assim que vocês o chamam, não, comandante?

– O “corredor” tem sido a única maneira de atingir Svarga. Do contrário teríamos que gastar séculos para a mesma viagem.

– Foi o povo de Svarga que deu ao nosso povo o conhecimento sobre o “corredor”, ou vocês o descobriram?

Fez-se silêncio. O Dr. Randard passava o copo de água mineral de uma das mãos para a outra, qual hábil prestidigitador. O comandante iniciou uma resposta que nada tinha a ver com a pergunta:

– Notícias, embora censuradas, ventilam que a senhora visitou, nos manicômios do Estado, pacientes da nossa tripulação. – Ela sacudiu a cabeça, afirmativamente.

– Por que o interesse dos militares em Svarga?

– Eu me reservo o direito de não responder, salvo se a senhora provar que a resposta tem a ver com a epidemia.

– O que vem a ser exatamente o “sky-trap”? – perguntou ela, ignorando a resposta. O Dr. Randard demorou seus olhos no rosto dela. Estava a perceber o quanto ela merecia a fama de persistência e sagacidade que acompanhava o seu dossiê.

– O “sky-trap” surgiu como um atalho entre os favos do hiperespaço, se me permite a expressão em desuso. Um caminho ou corredor fora do espaço convencional. Mas os engenheiros sabiam que nele universos diferentes poderiam se tocar. E o que decorresse desse encontro, só o tempo poderia responder.

– Vocês são parte dessa resposta?

– Não sabemos. Acreditamos que a doença que vem atingindo a tripulação é fruto dele.

– Quando se diz “dele”, você se refere ao encontro ou ao “corredor”?

– Ambos, doutora.

– O comportamento dos robôs, rotulado de “aberração robótica”, está nesse saldo?

– Perfeitamente, doutora. Veja o caso de Roldano. – O comandante abaixou o tom da voz e inclinou a cabeça na direção dela. – Ele manca da perna esquerda e diz que é seqüela de ferimento daquela batalha. Algumas vezes tem procurado o Dr. Randard e pedido medicação para a dor que o acomete.

A Dra. Retzel voltou a cabeça em direção à porta. Olhou curiosamente para Roldano e, em seguida, seus olhos fixaram-se no Dr. Randard.

– O senhor tem atendido esse “caso”, doutor? – perguntou ironicamente.

– Perfeitamente, doutora. Ele não é cristão, mas acredito que a maioria a bordo desta nave também não é. E eu atendo a todos. – O tom da voz era sério, mas todos sabiam que ele estava se contendo para não ter um dos seus costumeiros ataques de riso.

– Eu sou, Dr. Randard.

– Senhores, por favor! – O comandante estava cansado. – Vamos aos fatos.

– Sim, comandante. Vamos aos fatos. Me conte sobre os incidentes no “corredor”.

– A navegação pelo “corredor” transcorria sem incidentes, até então. Chegamos a sentir o tédio que as operações de rotina desencadeiam. Foi quando se deu o inusitado. O alarme veio de duas fontes: Sebastian gritando histérico do seu posto e, do banco das armas, monitorado pelos robôs, o alerta de colisão. O elemento robótico estava a salvo

de qualquer tipo de alucinação, foi o que pensei. Imediatamente dei a ordem: À ré com toda a força dos motores! A primeira experiência que nos veio do "corredor" foi a de que nele nada funciona como no espaço convencional. Alison estava no posto de navegador. Foi o primeiro homem que perdemos.

– Ele era competente?

– Dos melhores, doutora.

– Sebastian tinha um passado familiar suficiente para sua reprovação na folha de serviço. Acreditamos ter sido um erro mantê-lo no espaço.

– Nunca havíamos notado nada de irregular no seu comportamento. O Dr. Randard aqui está e pode responder por ele.

– O senhor estava na ponte quando soou o alarme, doutor?

– Não, senhora. Era o meu dia de folga e costume passá-lo no meu alojamento reverenciando Baco, o meu deus predileto. – Todos riram. A Dra. Retzel levantou os olhos. O comandante pigarreou... ela era famosa pelo seu puritanismo. As risadas cessaram.

– Continue, doutor.

– Quando soou o alerta corri para a ponte. Ao atravessar o corredor que serve o elevador de serviço, eu a vi. Era uma nave antiga, dessas que é costume se ver nas gravuras dos livros ou nos museus. Parte da proa embicava o corredor adentro e a tripulação dela parecia tão surpresa quanto eu. Está claro que considerei a questão e a visão como consequência das minhas libações. Mas, na ponte, eu a vi novamente. Eu sentia que alguma coisa estava errada. O espaço que me cercava desenhava uma geometria maluca. Na ponte ela estava invertida, como se tivesse opta-

do, rapidamente, por uma retirada. Aparecia como fiapos de neblina ficando algumas vezes mais consistente, outras não, quase desaparecendo. A mim parecia que ela lutava para se sustentar, para ser real.

O tom de voz do Dr. Randard era sereno. Parecia um colegial lendo um trecho literário escolhido pelo professor.

– O comandante havia dado ordem para evacuar. O nosso navegador parecia estar aprisionado pela surpresa. O comandante teve que repetir a ordem. Ele, como acordado de um sonho que, depois entendemos ter sido um pesadelo, acionou os botões e seu gesto deve ter assustado a tripulação intrusa. Todos nós vimos quando um marinheiro se levantou e, com o remo, acertou a cabeça de Alison. O restante ficou por conta do grotesco. A nave lutando com a nossa por um espaço, a cabeça de Alison esmagada por um remo e os gritos de Sebastian... A loucura nele represada veio à tona, com fúria. E à sua voz misturava-se aquela outra voz, de mulher, estridente, ominosa, pondo tudo em pandemônio. Eu tentei socorrer Alison, mas nada havia para ser feito. Fiquei a olhar para a sua cabeça convencendo-me que aquilo não era alucinação, como pensei a princípio, pois alucinação não esmaga cabeças, doutora.

A Dra. Retzel levantou-se e caminhou pela sala como era seu costume. Tamborilou os dedos trêmulos nas capas dos *tapes* e foi com voz soturna que respondeu:

– O senhor tem razão, doutor. Alucinação não esmaga cabeças!

Fez-se um silêncio constrangedor. O filho da Dra. Retzel havia sido vitimado, pouco tempo depois desse

incidente, pela fúria de um dos tripulantes que, num acesso de insanidade, o atacou com um objeto contundente. Fratura de crânio fora a *causa mortis*.

— A tripulação que vai para o espaço está preparada para enfrentar o previsível, o lógico. — A voz da Dra. Retzel estava rouca. — Frente ao inusitado cria-se o pavor. Este nasce da alma, terreno que ainda, apesar de tantos séculos de estudo, permanece desconhecido. Acreditamos que somos auto-suficientes para combatê-lo, mas não somos. Acreditamos que sabemos controlar nossas emoções. Mas não sabemos. Esquecemos daquele reservatório arcaico, selvagem mesmo, que fica no fundo da alma, pronto para nos devorar.

— E o elemento robótico? Eles não têm esse reservatório.

— Um dos aspectos mais interessantes fora do espaço convencional é o comportamento do tempo. Ele se constitui numa anomalia. Passado e futuro se justapõem, se intercambiam e se anulam. O visitante é tratado como um intruso, uma bactéria na corrente sanguínea. Assim como os anticorpos lutam para expulsá-la, o tempo luta para confundir os visitantes; é como se a Natureza tentasse ocultar os seus últimos segredos, sabendo de antemão que o *homo-sapiens* vai desvendá-los.

— Muita especulação, doutora.

— O que aconteceria a alguém que, voltando no tempo, tivesse uma moeda no bolso? — disse ela, ignorando a observação. — Aquela moeda ainda está para ser cunhada, conseqüentemente, nesse tempo ela é falsa. Perde o seu valor de troca ou de compra. Vamos imaginar que no “corredor” o tempo era passado. E

que nesse passado não existiam robôs. Qual teria sido a função deles na nave? A mesma da moeda, inoperante.

— Protesto!

O imediato usara, pela primeira vez, a palavra. Todos os olhares o fitaram curiosos.

— A moeda tem um valor intrínseco. No mesmo tempo, em lugares diferentes, o seu valor é relativo. Mas os robôs, uma vez programados, executam suas funções. Elas independem do tempo e do espaço.

— Perfeitamente. Como é mesmo o seu nome?

— Núria, doutora.

— Núria, acabamos de dizer que no “corredor” temos um espaço e um tempo desconhecidos. Conseqüentemente as reações são desconhecidas, mesmo as robóticas.

— Nunca se aventou a hipótese de que a máquina ficasse avariada em função do tempo ou do espaço.

— Ah! Já houve casos, sim. O senhor não deve estar atualizado com a literatura de bordo. Eu tenho um dossiê que registra incidentes com naves, desde a navegação marítima na Terra há séculos até viagens espaciais, incluindo a navegação no espaço profundo. Nesses relatos o insólito, o inusitado costumam estar presentes.

— Eu sugiro — era o comandante, interrompendo — que ouçamos o que a Dra. Retzel tem a dizer. Ela foi encarregada pelos militares de resolver o problema.

— Como eu dizia, os casos insólitos vêm sendo narrados desde os acontecimentos da navegação marítima. O Dr. Treffel aventou a teoria de que o “corredor” deve conter gases de efeitos desconhecidos, a exemplo de fatos

acontecidos na Terra, em séculos passados. As águas perto da Islândia, na direção das ilhas Faroe, registraram incidentes desse tipo. A loucura acometia os marinheiros antes de sobreviver a morte. Acontecimentos bizarros encheram páginas e mais páginas de diários de bordo. Os cientistas descobriram um teor anormal de protóxido de azoto, conhecido também por gás hilariante, na região. Chegaram à conclusão de que os oceanos possuem uma espécie de metabolismo, e uma fase deste, o catabolismo, poderia provocar reações químicas relacionadas à degradação orgânica. Esse processo químico seria intenso na zona de maior movimentação, onde se depositam e se encontram os refugos do mar. Seria ele o responsável pela insanidade que acometia os marujos. Pensamos em moldar a teoria para o "corredor". Mas a nossa honestidade nos obriga a admitir: não sabemos como o "corredor" se formou e, o que é mais importante, do que se formou. Eu nutria esperanças de que os *códices de Svarga* pudessem esclarecer algo a respeito.

— Os *códices* são tão antigos quanto as estrelas, doutora. Os laboratórios do setor norte se encarregavam da tradução deles, há anos, sem resultados.

— Por que tanto mistério sobre Svarga, comandante?

— Eu nutria esperanças de que as respostas chegassem antes do "corredor", doutora — disse ele, ignorando a pergunta. — Nele, acabamos à deriva.

— Eu vim preparada para o "corredor" — A admiração tomou conta dos membros da reunião, mas a Dra. Retzel pareceu ignorá-la. — Os estu-

dos de psicologia profunda fazem parte da família há séculos. Eu aprendi com o meu pai o que ele aprendeu com o pai dele.

— O seu avô foi um brilhante cientista, doutora. Pena que nenhum biógrafo tenha se ocupado da biografia dele — disse o Dr. Randard, sarcasticamente, interrompendo-a.

— O grande cientista não é o que presta para biografias, doutor, mas sim aquele que se constitui uma impossibilidade para o biógrafo. — Levantou-se, bateu os *tapes* de leve sobre o tampo da mesa e correu os dedos pela lombadas, ajustando-os. Todos sabiam que a sessão estava encerrada.

O comandante foi o último a sair da sala dos relatórios, e na porta o Dr. Randard o esperava.

— Vocês parecem estar a brincar de gato e rato, doutor.

— E estamos, Di Falco. Não se esqueça que eu e ela somos terapeutas. Eu uso as alterações procurando quebrar a tensão que reina na tripulação desta nave. Ela, muito mais esperta que eu — é com relutância que admito —, o faz por vários motivos: quebrar a tensão quando esta fica num nível intolerável e, num jogo inteligente de perguntas que ficam sem respostas e respostas que não têm perguntas, conseguir usar os nossos sentimentos, medir os nossos conhecimentos, enfim... caro amigo, ela é uma inquisidora.

— Estou cansado, doutor.

— Quer que eu lhe aplique um sedativo?

— Não, quero estar acordado para o "corredor".

* * *

— Estamos nas coordenadas do

“corredor”, comandante?

– Se os nossos mapas não ficaram alucinados como nós, a resposta é afirmativa.

– Curioso, nada mudou. Eu esperava grandes acontecimentos. A bóia sinalizadora parecia delimitar um mundo estranho do qual, a qualquer momento, iria surgir uma teratologia dantesca.

– Não é assim que funciona, doutora. Eles surgem como pardas aparições que brotam de repente, como um jato d’água... Alguns ficam a vê-la a bombordo, outros a estibordo, quando não, cortando os corredores da nossa nave. A tripulação dela permanece impávida, é este o termo exato, impávida. Parece que está pronta para um cenário. Temos um elo em comum, a curiosidade, e é ela que mantém o nosso medo a um nível tolerável.

– Pensei que o medo tivesse atingido a todos num nível intolerável.

– Não, não foi assim, a princípio. Passado o primeiro momento de pânico, recuperamos o controle. Mas perdemos as comunicações com a Terra. Somado à avaria que atingiu o contingente robótico, o fato fez com que eu e meus oficiais nos decidíssemos pela retirada. Regressamos. Foi na viagem de volta que a tripulação começou a demonstrar sintomas de loucura. E o nosso corpo médico a constatar que estávamos doentes. A equipe do Dr. Randard aplicava testes e mais testes. Não restavam dúvidas: havia uma epidemia a bordo e o sintoma mais grave é que cada paciente tinha um comportamento diferente do outro, cada um deles chegava à morte por caminhos diversos. Na Terra, o saldo constatado foi

terrível. Perdemos dois terços da tripulação. O restante está enfermo. A senhora me perguntou se há outro objetivo além de recambiar objetos de arte, de Svarga para a Terra. Há sim, doutora. Descobrir um antídoto ou... não regressar. Por essa razão estamos todos aqui, todos os que sobreviveram da primeira viagem, à exceção da senhora, é claro. Mas acredito que os militares a colocaram a par dos riscos. – Ela sacudiu a cabeça num gesto que o deixou na dúvida se era afirmativo ou se dizia algo como “pouco me importo”.

– Por que o Dr. Randard procura sempre gracejar quando se trata de Roldano?

– Tivemos problemas com a Metal Cia. por causa dos robôs. Os militares queriam responsabilizar a firma pelo fracasso da expedição, a perda do material e das vidas humanas.

– O interesse era nessa ordem? – Ambos riram.

– Ah!, doutora. Os anos dourados acabaram.

– Não acredite nisso. Existem milhares e milhares como nós, preocupados com o humano. Mas continue me contando sobre o entrevero com a Metal Cia.

– Qualquer indiscrição traria a imprensa para nossos calcanhares, o que não seria interessante, nem para nós nem para a Companhia. Fizemos um acordo de cavalheiros. Eles estão financiando esta expedição. Mas o assunto dos robôs virou tabu. E o Dr. Randard gosta de fazer piadas com tabus.

– Estou preocupada, no momento, com o humano. Depois, se tiver êxito, pretendo trabalhar com o elemento robótico. Esgotar as pesquisas sobre o robô e o seu desempenho.

Vou requisitar a tutela de Roldano.

– Roldano está inoperante. O comportamento dele e de outros robôs da mesma série foi responsável pelos boatos de chantagem industrial.

– A chantagem visava o fracasso da série “Roldano” ou era destinada a impedir a navegação pelo “corredor”?

– Não sabemos. Temos agentes do Comando a bordo. Acredito que a senhora os notou. – Ela apenas aqui-
esceu com a cabeça.

– Vocês tentaram uma negociação?

– Negociação?

– Sim. Com a outra nave.

– A senhora deve estar brincando.

– Não, não estou.

– Os *tapes* nada registraram. Eles somente relatam depoimentos e todos contraditórios. Foi como se nada tivesse acontecido. Para mim pareceu uma noção de porta sem haver o outro lado. Sinto que eles, os da outra nave, também sentem que nesse encontro não estamos vivendo realmente. Aguardamos... aguardamos apenas. Da primeira vez conseguimos romper a rede que se fechou sobre nós. Não sabemos o que aconteceu com eles. Mas acredito que, num outro confronto, apenas um dos lados sobreviverá.

– Eu trouxe a Dra. Shinoda. Ela conhece o grego e os seus dialetos.

– Não sabemos se eles são gregos. Não sabemos se eles existem.

– Eu pude observar, comandante, que, apesar das distorções que norteiam os depoimentos, há uma constante nas descrições: a da nave. Essas descrições me contam que é uma nave grega. Eu e a Dra. Shinoda passamos em revista todo o mundo argonáutico dos gregos. A única nave

que trazia uma feiticeira a bordo era a Argo.

– Quem lhe disse que ela é feiticeira?

– Todos aqueles pacientes dos sanatórios, aqueles que participaram das aventuras do “corredor”, incluindo Sebastian. Talvez porque a feiticeira e a mulher sejam conceitos intercambiáveis. Talvez porque a maioria sabe, das lendas da infância, que a feiticeira da Argo conseguiu vencer o gigante de Talos, um ser artificial, invocando os cães do inferno contra ele. Foi a resposta que a mente racional encontrou para o desajuste da tripulação robótica. Buscaram abrigo nas lendas e superstições, já que a ciência negava uma explicação.

– Não chegamos ainda a esse absurdo, doutora. Acreditar que esconjuros possam colocar uma tripulação de robôs à deriva.

– Não foram esconjuros. A prática da magia registra um conhecimento e é ele quem nos informa que o som produzido por certas gargantas pode causar o efeito que vitimou os robôs. Esse conhecimento veio do Egito para a Grécia, via Tessália, e se espalhou por toda a bacia do Mediterrâneo.

– Por que a senhora não registrou essa informação?

– Porque eu não quis.

A resposta foi tão espontânea que ele se pôs a rir às gargalhadas.

– Não é essa a questão, Di Falco. Estou preocupada em analisar o que de fato aconteceu naquela região obscura onde o somático e o psíquico se encontram. Quero ver porque aquela realidade desfigurada se converteu em realidade psíquica. Eu quero entender porque o inusitado,

o ilógico, o irracional acabam criando uma mecânica de violência tão implacável que o último recurso da mente foi abrigar-se com o véu da loucura. Só então poderei dar voz à vitória, vitória ainda muda, embora total.

– A senhora acredita...

– Acredito! – disse ela, interrompendo-o. – Acredito que vou conseguir.

O comandante fez um gesto, interrompendo-a. O alarme de colisão estava soando. A Argo se preparava, novamente, para o “corredor”.

* * *

Estamos navegando a caminho de Svarga.

O comandante Di Falco repousa na cabine, exausto, depois dos acontecimentos que vivemos a bordo da Argo. Fui encarregado do relatório, apesar dos meus protestos. Sou médico de bordo e não escrivão, disse a ele, pense no oficial de ciências para o trabalho. De nada adiantaram os protestos. O que aconteceu aqui deve ser relatado por alguém que entenda de almas e não de ciências, ele me respondeu. Então chame o capelão, retruquei. E, antes que eu completasse a frase, ele já havia me dado as costas.

Quando o alarme soou nós vimos a nave intrusa, como da primeira vez, embicando a proa para dentro da nossa. E, antes que a mulher começasse aquela gritaria infernal, como da outra vez, a Dra. Retzel levantou os braços, num gesto de saudação. A Dra. Shinoda – que nome mais estranho – começou a falar. Nós não estávamos entendendo o diálogo. Digo diálogo porque da outra nave responderam.

E quando pensávamos que nenhuma surpresa mais poderia nos aguardar, a Dra. Retzel nos comunicou que iria com eles. O comandante tentou impedir. Chegou à beira de um colapso nervoso.

– Não, doutora, uma vítima, não! – disse aos berros.

– Uma vítima, sim! – respondeu ela. – É disso que vocês precisam. A violência saciada procura e acaba sempre por encontrar uma vítima alternativa. Ela irá funcionar como válvula de escape. O sacrifício da vítima vai criar uma ambivalência: a cura para vocês e a purificação para eles. Será a libertação do “corredor”.

Eu havia prevenido o comandante de que era algo violento. Eu desconfiava... ela sempre soube.

A Dra. Retzel acreditava que a vítima pode desencadear o sagrado, purificando as almas para curar as mentes. Estamos curados? Não sabemos. Sabemos, sim, que o mal, apesar de psíquico, afeta o nosso metabolismo. A bordo, tivemos oportunidade de observar todos os aspectos da doença: para alguns foi um teste de caráter. Eles aceitaram a morte fazendo dessa aceitação uma virtude. Outros aceitaram a insanidade como um exílio, refugiaram-se nele para morrer. Outros romantizaram-na. Quem mais me sensibilizou por este aspecto foi Sebastian. Ele me confiou seus últimos sentimentos: Doutor, as coisas existem com violência, mais do que existimos. Por isso elas ficam e nós partimos... mas para alguns ela justificou a desordem e a violência. Muitos foram os sacrificados a bordo antes que nós pudessemos entender toda

essa mecânica de violência. Desde séculos algumas doenças têm sido tratadas como uma maldição. Quando a causa é desconhecida e a cura incerta, ela passa a ser encarada como uma transgressão ou a violação de um tabu. Para mim tem estado claro. O tabu tem sido o "corredor". Freud chegou afirmar, numa carta, que o câncer que o vitimou escolheu a boca, porque nela começou a sua pesquisa sobre a doença.

A Dra. Retzel acreditou que um cenário como o que ela nos preparou poderá atuar como resgate para as nossas mentes, diluir as fantasias que tecemos sobre a nossa doença. Ela se sacrificou em nome dessa crença.

Quando ela se foi levou Roldano. Di Falco não se opôs. Na Terra, ele seria peça para sucata. Com ela, deve estar incluído em outros planos.

Não sabemos quais as surpresas que Svarga nos reserva. Os militares confiaram a Di Falco, somente a ele, os objetivos da viagem. E Di Falco não os confiou a ninguém. No momento só me ocorre relaxar, fazer uma libação aos deuses, rogar pelo destino da Dra. Retzel e de Roldano e... seguir viagem.

* * *

Circe, a das "belas tranças", tinha os olhos fitos no teto da caverna milenar. Os pesadelos haviam voltado. Levantou-se de um salto, buscou a opalina e procurou ver que acontecimentos eram aqueles que voltavam a perturbar seu sono. Olhou surpresa a embarcação que navegava em meio à neblina.

– Estão de volta! – exclamou, admirada. – Mas como é possível?

Vistoriou com olhos que espargiam luz dourada a embarcação. Reconheceu toda a tripulação à exceção daquela mulher bárbara e do seu estranho acompanhante. Não sentiu ciúmes, porque ela não era jovem nem bela. Riu das suas roupas e admirou a cor de seus olhos.

Os imortais devem tê-la enviado, pensou sacudindo os ombros.

Nos subterrâneos, buscou pelo Livro do Destino. As ninfas haviam-na prevenido: seus banhos de mar, no último verão, levaram-na muito longe da ilha. Alguém poderia ter-se aproveitado da sua ausência para alterar o Livro do Destino. Ao localizá-lo, folheou-o rapidamente. Ali estava: Jasão, príncipe grego. Após padecimentos no mar regressou a Iolcos, trazendo consigo os troféus da vitória: o velo de ouro, a maga Medéia e uma estranha mulher bárbara, detentora de muitos conhecimentos. O povo acostumou-se a vê-la percorrendo as ruas da cidade sempre acompanhada de um criado manco. Após a morte de Jasão e o desaparecimento de Medéia, graças a esses conhecimentos e ao seu autoritarismo, ela foi aclamada rainha de Iolcos.

Circe deu uma gargalhada.

– Esses gegos!

Correu para a praia, banhou-se nas águas do mar e depois, com pente de ouro, se pôs a alisar seus lindos cabelos.

Botucatu, outono de 1994

Anna Creusa é formada em história e pesquisadora de assuntos ligados à mitologia e ao hermetismo, principalmente quando esses temas se unem à ficção científica.

Bored, o Truculento

Aran

Caminhando por terras desconhecidas, tente descobrir se Bored é super-herói ou super-vilão. Descubra então que na verdade os magos sempre existiram, assim como passado e futuro, sanidade e demência, podem estar ligados em um único espaço-tempo...

Bored, o Truculento, chegou ao alto da colina e avistou a casa de pedra e madeira entre as árvores. Mesmo daquela distância ele podia sentir o cheiro de porco assado.

“Anda, cavalo desgraçado, filho de uma égua!” gritou, fincando as esporas no lombo do animal, que galopou furioso colina abaixo. Bored estava faminto e cansado. Cavalgava a três dias, desde que o exército de Siro, o Escuro, fora dizimado pelos cavaleiros-demônios de Mezet, o Mago. Bored era um dos poucos sobreviventes. Talvez o único. Ele queria comer, descansar e esquecer os horrores da batalha nos braços de uma mulher macia. Depois partir em busca da cabeça de Mezet, como jurara ao agonizante Siro. E ele o faria, por todos os deuses esquecidos, ele o faria! Antes, porém, ele queria uma engordurada costeleta de porco assado.

Bored amarrou o cavalo numa coluna de pedra e entrou na casa. Era uma mistura de albergue, refeitório, bordel e feira, como tantas outras casas que existiam na fronteira oriental do reino de Quelm. Muitos guerreiros bebiam e contavam suas aventuras, sentados em longas mesas de madeira. Mulheres seminuas riam, no colo de oficiais do Império quelmiano, enquanto homens de avental carregavam pratos fumegantes de um lado para outro. Bored sentou-se na ponta de uma mesa, longe do barulho, colocou o machado sujo de sangue seco sobre a mesa e chamou um dos serviçais. Era um thoreano de pele esbranquiçada e cabelos pintados de azul.

“Me traga uma costeleta de porco e uma jarra de vinho”, disse o guerreiro, “e mande que uma dessas cadelas de Ur venha se sentar comigo”.

O homem permaneceu impassível.

“As cadelas não são de Ur, bárbaro. São de Heliak”, disse.

Bored acariciou o cabo do machado.

“Não me importa se elas são de Ur ou de Heliak, serviçal! Uranos e heliakianos são todos iguais. Os homens são ladrões; as mulheres, prostitutas”

O taberneiro continuou imóvel. Bored ouviu uma voz trovejar às suas costas.

“Eu sou de Ur, animal, e posso afirmar que as prostitutas de lá vieram todas do leste da Hircândia!”

Era um oficial de Quelm de quase dois metros de altura. Uma espada uqbariana de corte duplo balançava em seu cinto.

“Você é da Hircândia, não é, selvagem imundo?”, continuou o oficial. “Deitei com uma mulher muito parecida com você na última noite que passei em Kretah. Seria sua irmã?”

Bored levantou-se da mesa, segurando o machado pelo cabo. Olhou calmamente para o homem.

“Não pode ser, cão leproso de Ur”, disse, “minha irmã está aprendendo a arte da profissão com a sua mãe em Ishtar!”

O oficial de Quelm tirou a espada do cinto. Estava furioso.

“Vou dividi-lo em dois, bárbaro sujo!”, gritou.

Bored pegou o machado e colocou-se em posição de defesa. O homem balançava ameaçadoramente a espada, enquanto outros soldados de Quelm aproximavam-se, todos armados. Bored estava calmo. Seria fácil arrancar a cabeça do desgraçado e abrir caminho com seu machado. Eram apenas vinte homens. O bárbaro levantou a arma mas, inexplicavelmente, seu braço se paralisou

no ar. Estava inerte, imobilizado. Morto. Ele pensou em fugir, mas suas pernas também se congelaram. (Preciso sair). O oficial avançou. (erro-no-programa-erro-no-programa-erro-no). A espada perfurou o abdome de Bored. (Três-três-dois-um-bored). O corpo do bárbaro permaneceu inerte, enquanto o oficial de Quelm retirava a espada do ferimento para decepar-lhe a cabeça. (três-três-dois-um-bored-cancelar). “Vou arrancar sua cabeça, porco da Hircândia!”, berrou o gigante urano, erguendo a espada. Cancelar, encerrar-jogo. A espada. Cancelar. Sangue. Sair. Sair-sair-sair.

Marcos abriu os olhos e viu o teto branco. Estava ensopado de suor. Moveu os braços. Os fios ainda estavam todos no lugar, conectados aos músculos do antebraço. As pernas, embaraçadas nos fios retorcidos. “Que merda aconteceu?”, disse, soltando o braço direito da cadeira. Passou a mão pela cabeça. Todos os fios estavam lá, ligados ao cortex cerebral. Tudo nos lugares certos. “Fim”, disse, desconectando-se automaticamente da poltrona. Não era uma falha técnica. Havia um vírus no programa. Só podia ser isso!

Sentiu as pernas formigarem com o sangue voltando à circulação normal. Estava com fome. Saiu da sala e entrou num cubículo de um metro quadrado, com uma privada e uma ducha. Ligou o chuveiro e entrou debaixo do jato de água, com roupa e tudo, sentindo o líquido frio escorrer pelos cabelos, encharcando a camisa e a calça. Depois começou a tirar a roupa. Um vírus. Que bosta! Diziam que eram implantados por terroristas virtuais. A idéia era atingir a net, contaminar o sistema. Sol-

to, um vírus podia matar todos que estivessem conectados à rede. Morte cerebral. Merda, o Zan garantiu que esse jogo era limpo!

Jogos virtuais eram proibidos, considerados ilegais pelo governo por causarem “alienação e dependência psicológica”. Os usuários pegavam de três a seis meses de exclusão. Seis meses sem poder se conectar à rede. Tempo demais. Infectar a net com um vírus era ainda mais complicado. Dava, no mínimo, seis anos. “Merda!”. Marcos precisava falar com Zan, exigir explicações, pedir um novo jogo ou, pelo menos, seu dinheiro de volta. Que merda de fornecedor! E se Bored tivesse tido a cabeça decepada? O que aconteceria com ele, Marcos? Morte cerebral?

Saiu do chuveiro sentindo o estômago se contorcer. Estava com fome depois de ter ficado 52 horas ligado ao jogo. Enrolou-se na toalha e voltou à sala. Uma geladeira pequena ficava no canto, próxima à janela. Abriu. Havia duas barras de chocolate. Marcos comeu e depois sentou-se, ainda nu, na poltrona. Conectou as pernas e os braços e esperou pela conexão eletrônica do cérebro. Precisava falar com Zan. Com a mão esquerda, digitou uma série de números e letras no teclado embutido no braço da poltrona. Tudo ficou cinza azulado. Sem móveis, paredes, horizonte, chão ou teto. Cinza de todos os lados. Esperou. Nenhuma resposta de Zan. O teclado flutuava no cinza. Marcos digitou novamente o código de acesso. Ouviu uma voz feminina:

“Zan-@7762B415. Quem deseja o acesso?”

“Mar-@4231X816”, respondeu Marcos.

“Um momento, por favor”

O cinza sumiu e Marcos surgiu no meio de um jardim. Um bosque de árvores grandes, muito verdes. Ouvia nitidamente barulho de água. Devia haver uma cascata ali, depois das árvores. Um cheiro forte de mato. Zan estava de pé em cima da grama, bebendo alguma coisa amarelada num copo quadrado.

“Oi, Marcos, o que é que manda?”, disse Zan. “Não quer se sentar?”

Um tronco de árvore retorceu-se e cresceu até assumir a forma de uma cadeira. Marcos sentou.

“Bebe alguma coisa?”, perguntou Zan.

“Não, cara, obrigado. Vim por causa do jogo”

“Já terminou? A maioria leva um mês para passar da primeira fase”

“Não, não é isso. Tem um vírus na merda do jogo”

Zan aproximou-se.

“Tá louco? Sem chances. Esse jogo é limpo, à prova de infecção”

“Não é, Zan. Tem a porra de um vírus nele. Eu fiquei paralisado, parecia desconectado. Quase morri”

“Falha técnica. Verificou as conexões?”

“Foi a primeira coisa que fiz, cara-lho. É um vírus, Zan. Tenho certeza”

“Não pode ser. Esses jogos são garantidos pelo Cartel. Você fez algum movimento errado. Ou essa merda de paralisação é parte do roteiro”

“Eu sei quando uma coisa está errada num jogo, Zan. Eu quero um game novo ou meu dinheiro de volta ao banco, cara. Só isso”

“Impossível. Você sabe como funciona: nada de devolução, nada de trocas”

“Você sabe quantos anos leva um cara que introduz um vírus na porra

da net? Eu posso ser excluído, cara. E se eu for, Zan, não vou sozinho nem fodendo. Entendeu?”

Zan ergueu a mão direita e uma moita de samambaias tomou a forma de um balcão de bar, com várias garrafas.

“Que é isso, Marcos? Nós somos amigos”, respondeu Zan, enchendo o copo com alguma coisa marrom escura.

“Eu sei, Zan, eu sei. Mas como é que a gente vai resolver isso, me diga?”

“Tudo bem, tudo bem. Eu vou dar uma olhada nesse jogo. Deve ser alguma falha no roteiro, coisa simples. Eu resolvo. Você tem o código de acesso?”

“Tenho. Eu vou junto”

“Você que sabe”

Marcos levantou-se e esticou o braço esquerdo. Um teclado surgiu no ar e ficou flutuando próximo à sua mão.

“Você vai como?”, perguntou, antes de digitar o código.

“Sei lá. Quais as opções?”, respondeu Zan.

“Feiticeiro, cavaleiro-demônio, saltador, prostituta...”

“Feiticeiro. Qualquer merda serve”

Marcos digitou o código no teclado flutuante. O jardim se distorceu em um borrão cinza claro. Depois tomou a forma de uma taberna quelmiana.

Bored, imóvel, sentia seu corpo sangrar. O oficial de Quelm iria arrancar sua cabeça com a espada e ele não podia fazer nada. Maldito urano! Que os vermes devorem suas estranhas em vida!, amaldiçoou Bored, esperando a morte. Mas a morte não veio. O gigante se dissolveu num pó negro, assim como todos na taberna.

Uma fina poeira preta tomou conta do lugar. Bored percebeu que podia se mexer novamente. Então notou o homem. Parecia um mago.

“Zan?”, disse Bored, “como é que você fez isso?”

“Feitiço, cara. Eu sou um sacerdote do Deus Vivo Mag Nagig. Posso fazer tudo”

Bored colocou a mão no ferimento. Ardia.

“E então?”, disse Bored, “o que você acha? O jogo tá infectado?”

“Acho que não”, respondeu o feiticeiro, olhando a taberna. “Problema no roteiro. Você voltou a se mover, não voltou?”

“Voltei. Foi você?”

“Acho que não. Só se o feitiço fez isso. Não se preocupe, vou verificar tudo. Se tiver problema, eu digo. E você?”

“Vou sair”, respondeu Bored.

“Você é quem sabe. Entro em contato em 30 minutos”, respondeu o feiticeiro.

O corpo de Bored dissolveu no ar, deixando o feiticeiro sozinho na taberna quelmiana.

Marcos abriu os olhos e desconectou os fios. Zan iria checar tudo. Era só esperar. Esperar. Um ajuste rápido, só isso, e então ele poderia voltar. Esperar. Não iria demorar nada.

A geladeira estava vazia. Quanto tempo havia passado? Dez minutos? Marcos foi até o banheiro e apertou a torneira da pia, que insistia em pingar. Quinze minutos. Anda, Zan, porra!

A geladeira continuava vazia. Já deve ter dado tempo, cacete!

Será que devo entrar? Não, melhor esperar um pouco mais. A torneira continuava pingando.

Marcos apertou a torneira até

onde pôde. Meia hora. A geladeira parecia ainda mais vazia. Meia hora. Porra, cadê o Zan?

Quarenta e sete minutos. Tempo suficiente. Será que está tudo bem? Merda de torneira! Vou chamar o Zan. Não é possível! Ele tem que ter resolvido essa porra! Merda de geladeira!

Cinquenta e dois minutos. Chega! Marcos ligou os fios dos braços e das pernas, esperou a conexão cerebral. Pensou em ir direto ao jogo mas preferiu teclar o código de acesso de Zan. A névoa cinza invadiu o mundo. Marcos ficou flutuando no vácuo, esperando a resposta. Nada. Digitou novamente o código de acesso.

"Zan-@7762B415 não está conectado ao sistema", informou uma voz impessoal. "Verifique o código de acesso ou digite Info-1000 para informações"

Zan desconectado? Isso era impossível, pensou Marcos. Ele nunca

saía da rede. Como ele poderia fazer negócios se estivesse desconectado? Marcos digitou novamente o código de acesso.

"Zan-@7762B415 não está conec..."

"Merda!", pensou. O jeito era acessar informações. Marcos digitou Info-1000 no teclado que boiava no limbo cinzento. O cinza se dissipou e uma mulher de sorriso burocrático surgiu em sua frente. Eles estavam sobre um chão branco que se estendia em todas as direções até o infinito.

"Em que posso ajudá-lo, Mar-@4235X816?", perguntou a mulher.

"Estou tentando acessar um amigo e não consigo"

"Código de acesso, por favor", respondeu a mulher.

Marcos forneceu o código. A mulher ficou muda durante alguns segundos. Depois disse:

"Zan-@7762B415 foi desconectado da rede em caráter permanente há 48.22 minutos. Há algum outro código de acesso?"

"Isso é impossível. Eu falei com ele uma



hora atrás e estava tudo bem. Eu preciso falar com o cara”

“Há algum outro código de acesso?”

“Não, não tem. Mas que porra aconteceu? Eu preciso saber”

“Não disponho de informações sobre o caso, senhor. Posso ajudá-lo em mais alguma coisa?”

“Porra, mas que merda de rede é essa? Como não tem informações?”

“Não disponho de informações sobre o caso, senhor. Posso ajudá-lo em mais alguma coisa?”

“Vai se foder!”, respondeu Marcos, saindo de Info-1000.

O chão infinito desapareceu junto com a mulher. Ele estava de novo no limbo cinza. O que fazer? Onde estava Zan? Será que o vírus havia acabado com ele? Difícil. Ele nem sabia se havia mesmo um vírus naquela merda de jogo. Mas por que Zan sairia da rede? Isso não fazia sentido. Só se o vírus tivesse sido detectado pela polícia da rede. Eles apagariam o jogo e o cérebro de Zan junto com ele. Não, impossível. Eles não eram tão espertos assim. Detectar um jogo ilegal dentro da rede era coisa para profissional. Havia milhões de códigos de acesso, milhares de arquivos pessoais invioláveis. Besteira. E se Zan estivesse perdido em algum lugar do jogo, incomunicável? Era difícil, mas se houvesse uma falha técnica, ele podia ter ficado preso ao jogo para sempre, sem conseguir acessar a saída. Talvez existisse mesmo um vírus, afinal. Não tinha jeito. A única solução era voltar. Se algo tivesse acontecido, Zan deixaria alguma pista. Marcos ativou o código de acesso mentalmente, sem o teclado virtual.

Bored, o Truculento, estava deita-

do sob uma árvore de galhos abertos, ao lado de um riacho estreito. A ferida no abdome havia se cicatrizado, mas ele ainda sentia uma dor aguda no local. Levantou-se, apoiando-se na árvore. Não, ele ainda não recuperava totalmente suas forças, mas tinha que encontrar o feiticeiro do Deus Vivo que o salvara na taberna. Bored prendeu o machado na sela e montou o cavalo. O animal saiu num passo lento, seguindo o leito do rio. Alguns metros adiante, o riacho se dividia em dois. Um, mais caudaloso, corria entre eucaliptos até desaparecer num bosque fechado. O outro, estreito, seguia por uma ravina de poucas árvores. Bored resolveu acompanhar o segundo. O cavalo trotou mais alguns metros e Bored avistou uma carroça cheia de bugingas. Um homem, certamente o mercador, refrescava-se no riacho. Ao avistar Bored, levantou-se, segurando uma adaga curva e permaneceu imóvel.

“Que os deuses do comércio te protejam, mercador!”, saudou Bored.

“Que os deuses da guerra te façam viver muitos anos!”, respondeu o homem, sem guardar a adaga na bainha.

“Procuro um sacerdote do Deus Vivo Mag Nagig. Ele passou por aqui?”

“Um sacerdote do Deus Vivo, guerreiro? Só os insensatos procuram o que não podem entender”

“Ele salvou minha vida há alguns dias. Preciso saldar minha dívida”, respondeu Bored.

O homem cuspiu na água, limpando a boca com as costas da mão esquerda.

“Você é quem sabe. Ninguém passou por mim, guerreiro, mas soube

que muitos sacerdotes e feiticeiros estão indo para Heliak. Dizem que uma nova encarnação do Deus Vivo nascerá lá nos próximos dias. Talvez você o encontre”

Bored agradeceu, puxou a rédea do cavalo e foi se afastando lentamente. O homem, porém, começou a chamá-lo:

“Espere, guerreiro, não se vá ainda. Tenho ótimas espadas forjadas com o mais resistente ferro de Kebec. Não quer vê-las? Por algumas poucas moedas...”

Bored fingiu não ouvir. Heliak não ficava muito longe. Ele estava no leste do reino de Quelm e, pelos mapas, a Cidade Sagrada ficava naquela região, na confluência de todos os rios da mundo. Heliak havia sido construída sobre as águas, como ordenara o Príncipe Profeta Ahman, há dois mil anos. Bored nunca havia estado lá, mas era só seguir o riacho para alcançá-la. Em Heliak talvez ele pudesse, enfim, encontrar o sacerdote do Deus Vivo e entender o que estava acontecendo.

Depois de cavalgar dois dias e duas noites, Bored finalmente avistou as torres de vidro de Heliak, brilhando sob o sol vermelho. Esporeou o cavalo e cavalgou rumo aos muros da cidade. Uma multidão de homens, cães, porcos, carroças, mulheres e galinhas atravessava o portão leste, certamente para participar do renascimento do Deus Vivo. Bored juntou-se à multidão. Quando atravessava o segundo dos três portões que davam acesso à cidade, um guarda gritou seu nome:

“Bored! Você é Bored, o Truculento! Não é, bárbaro infame?”

O guerreiro ainda não havia se recuperado dos ferimentos, mas nin-

guém podia insultá-lo daquela maneira e viver para contar o feito. Ninguém.

“Eu sou Bored. E você quem é? Filho de alguma rameira de Heliak?”

O homem não respondeu. Em vez disso começou a gritar, como se estivesse endemoniado:

“Ele está aqui! O homem que matou o sacerdote está aqui! Peguem-no!”

Dezenas de mãos agarraram Bored para tirá-lo do cavalo. Ele tentou romper a multidão, pegar o machado que pendia na sela, mas eram muitos. Bored conseguiu rachar o crânio de um ishtariano com um murro. Uma flecha atingiu-o no peito. Os guardas aproximavam-se. Ele precisava pegar o machado. Uma lança rasgou-lhe o ombro esquerdo. As mãos finalmente o derrubaram e um guerreiro acertou-lhe a cabeça com uma clava.

Água. Bored estava sedendo. Sentiu um jorro de água cair sobre seu rosto. Tinha um gosto amargo, salgado. Abriu os olhos. Um dos soldados de Heliak urinava em seu rosto.

“Porco imundo!”, rosou Bored, tentando se levantar. E só então percebeu que estava acorrentado a uma coluna de pedra, no meio da rua principal da cidade. Pessoas riam e cuspiam nele.

“Morte ao bárbaro!”

“Arranquem os testículos do infiel!”

“Cortem a cabeça do assassino!”

O ombro de Bored ardia. Seu peito estava manchado de sangue e a cabeça doía.

“Soltem-me, cães leprosos! Soltem-me ou vocês sentirão a fúria de Bored da Hircândia!”, berrou o guerreiro.

“Você vai morrer na fogueira, selvagem”, disse um homem e depois cuspiu-lhe no rosto. “Você matou um sacerdote do Deus Vivo, filho de uma prostituta!”

“Eu não matei ninguém!”

“Não negue, bárbaro! A cabeça dele ainda está aqui, fincada na lança como você a deixou!”

“Vocês estão loucos!”

O feiticeiro, morto? Algo estava errado. Bored não via o feiticeiro desde que haviam se encontrado na taberna. Além disso, o feiticeiro era Zan e os usuários não morriam nos jogos. Não desta forma, pelo menos. Marcos precisava sair dali. Algo estava muito errado naquilo tudo.

“Vai arder na fogueira, monte de estrume!”

Três-dois-um-Bored, pensou Marcos, ativando mentalmente o código. Fim. Nada aconteceu. Ele continuava ali, preso à coluna de pedra. Três-dois-um-Bored. Encerrar programa. Nada. Que merda era aquela?

Um soldado de Heliak chutou o rosto de Bored. Marcos sentiu a pancada, os dentes quebrarem, o sangue escorrer pela boca. Merda! Merda! Três-dois-um-Bored. Encerrar programa.

Bored urrou, ergueu-se, puxando as correntes e conseguiu rompê-las. Um soldado avançou armado com uma lança. Bored segurou a lança com a mão esquerda e com a direita golpeou o nariz do homem, transformando o rosto dele numa massa de sangue. Que merda está acontecendo?, pensou Marcos. Bored tirou a espada do cinto do soldado e decepou-lhe a cabeça, jogando-a sobre a multidão. As pessoas recuaram em pânico. O bárbaro perfurou o peito de um segundo soldado, tomando o

machado que ele trazia nas mãos. O machado era sua arma, quase um complemento de seu braço direito. Bored foi abrindo caminho na multidão. Algo está errado. Três-dois-um-Bored. Encerrar programa. Marcos estava preso. Bored parecia ter conseguido vontade própria. A cabeça de um mercador rolou sobre o chão de pedra. Uma mulher teve o braço decepado. Não sou eu, merda, três-dois-um-Bored. Merda!

Cadáveres se empilhavam na rua estreita. Durante muitos anos os cronistas falariam daquele dia quando um só homem, Bored, enfrentou toda a cidade de Heliak, lar do Deus Vivo. Os homens tombavam, enquanto o Truculento subia a rua estreita até o pátio central da cidade, dominado por um poço de boca larga onde homens e animais matavam a sede. Pessoas e animais saíram correndo quando viram o selvagem se aproximar. Três-dois-um-Bored-três-dois-um-Bored. Havia uma cabeça sobre uma lança, fincada do lado esquerdo do poço. Três-dois-um. A cabeça de um sacerdote do Deus Vivo. Bored-três-dois. A cabeça de Zan, o Forneceador. Três-dois-um-Bored-três-dois-um-Bored.

De repente a cidade se dissolveu diante dos olhos de Bored. Sumiu numa nuvem cinza azulada.

“Saí”, pensou Marcos. Voltei. Mas aquilo não era sua casa, nem a poltrona virtual. Ele ainda estava na rede. Por que não conseguira sair? Havia mesmo um vírus no programa. A porra de um vírus. E Zan, cacete, o que tinha acontecido com ele? Morte cerebral? Isso explicava por que ele não estava conectado à net. Zan, cacete! No que foi que a gente se meteu? Marcos invocou o teclado

virtual, que ficou flutuando à sua frente. Ergueu a mão para digitar o código e só então percebeu que aquela não era a sua mão. Era a mão de Bored. Ele estava preso dentro da forma virtual de Bored, o Truculento. Bored, o Vírus.

“Tenho que sair dessa merda”, pensou, acessando o código. Nada aconteceu. Ele continuava boiando no limbo cinza. Digitou novamente a seqüência de letras e números. Nada. Porra! Ele tinha que sair dali, deixar Bored na rede. Foda-se. Depois ele pensaria em como fugir da polícia. Agora, tudo o que queria era deixar o vírus ali. Escapar. Marcos teclou o primeiro código que lhe veio à cabeça. Info-1000.

Ele estava sobre o piso branco infinito. A mesma mulher sorria para ele.

“Em que posso ajudá-lo, Mar-@4235...?”

Bored não deixou que ela terminasse a frase. Um golpe de machado fez a cabeça da mulher sair voando, para cair no chão branco.

“Merda!”, tentou gritar Marcos, percebendo que não tinha voz. Era Bored quem estava no comando.

O chão branco ergueu-se transformando-se em paredes. A rede havia detectado o vírus e agora tentava detê-lo, torná-lo inoperante. Um cubo branco prendeu Marcos. Não, ele não seria pego. Seis anos de exclusão. Precisava sair dali. Precisava de outro código. Qualquer um. Lembrou-se do código do banco. Con-415001BC. O cubo branco desapareceu. Ele estava numa sala virtual, cheia de cadeiras e mesas, onde várias pessoas faziam negócios, confortavelmente instalados em suas casas.

Um homem aproximou-se, sorrindo

idiotamente. “Mar-@4235X816, certo? Há algo estranho em você hoje. Por acaso será...”. A frase ficou pelo meio, enquanto Bored decepava a cabeça do homem e começava a matar quem estava por perto. Estou fodido, pensou Marcos. Cada cabeça decepada por Bored significava a morte cerebral de um usuário. Ele pegaria anos de exclusão. Preciso sair daqui, porra!

Marcos acessou mentalmente o código para sair da rede, enquanto Bored continuava cortando cabeças. Não funcionou. Marcos tentou novamente. E de novo. Na quinta tentativa, o banco desapareceu.

Ele abriu os olhos e viu o teto branco, suas mãos presas no emaranhado de fios. Suas mãos! Estava em casa. Tinha conseguido. Bored havia ficado na rede. Desplugou o cérebro, os braços e as pernas. Estava em casa. Marcos olhou o relógio digital embutido na parede. 22:47. Ele havia ficado 18 horas conectado. Sentiu o estômago contorcer-se. Precisava comer alguma coisa. Abriu a pequena geladeira. Havia carne, ovos, leite, várias barras de chocolate e iogurtes. Algo estava errado. Algo estava muito errado. A torneira do banheiro não pingava. Ele não havia saído. Aquilo era uma ambiente virtual. Marcos ouviu uma voz rouca, às suas costas:

“Morra, usuário leproso!”

Era Bored, o Truculento.

A última coisa que Marcos viu foi o machado descendo em direção aos seus olhos.

Edson Arantes é jornalista e crítico de cinema, tendo sido colaborador da revista Set - Ficção e Terror. Trabalha atualmente na Editora Azul.



Roberto



No Coração do Deserto

Luís Felipe Silva

Após a pane do veículo, um guia tira suas impressões ao conduzir um grupo de estrangeiros pelos desertos de sua terra.

O modo de pensar e agir de culturas diferentes, separadas mais pelos "lados do tabuleiro, num jogo em que não se pode perder" do que por conflitos raciais propriamente ditos.

Os europeus tinham emudecido quando passamos pelos poços de petróleo abandonados. A visão das gigantescas estruturas de metal, que derretiam numa morte lenta sob o sol do meio-dia, era impressionante, e os europeus haviam contemplado durante os primeiros instantes os dinossauros de ferrugem, transfigurados, para em seguida, como se por assentimento coletivo, desviarem a vista e contemplarem, absortamente, pontos vagos no horizonte, de olhos escondidos por detrás dos óculos escuros. Não tinham voltado a falar, embora estivessemos já muito longe de Hassi-Massaoud. Eu próprio também não forcei a conversa. Queria que o peso daquele testemunho da carência do meu país, que um dia havia sido uma fonte de riqueza e poder, impregnasse os seus espíritos, e sentissem que nem eles, os representantes da maior besta econômica mundial, estavam a salvo de um percalço da natureza.

O veículo avançava diligentemente pela estrada, de retorno ao norte. Em breve, econtrariámos a base militar, onde os europeus tomariam um transporte para a capital. O oleoduto perdera-se já entre as colinas e as dunas, e o motor eléctrico protestava no pavimento velho e coberto de areia, que não era usado há quase uma década. Os europeus encaravam incomodados o caminho, deparando com uma paisagem monótona, repetitiva, de brilho



intenso e sem pontos de referência definidos. O localizador do carro indicava continuamente as coordenadas geográficas da nossa posição, alimentado por satélite; até certo ponto, era o único fator que assegurava que nos movíamos. Não que eu precisasse da segurança — este era o meu país, conhecia-lhes os truques, os truques do deserto. Se havia perturbação no meu espírito, era por descobrir lagos de areia e troncos de pedras onde, outrora, os meus olhos haviam presenciado o azul de espelho da água, e o verde das folhas das palmeiras.

Os europeus não tinham consciência da mudança. Para eles, só existia o pó intrusivo, que entrava pelas janelas abertas e se colava às suas camisas brancas e puras como a neve. E o calor. O inimigo invisível, que eles tentavam derrotar com vigorosos abanões dos chapéus azuis das vinte e uma estrelas amarelas, de encontro ao rosto, com resultados persistentemente infrutíferos. Soprava uma brisa suave, mas ela própria era tórrida, abafada, e constrangia, ao invés de aliviar. O francês, que detinha a fisionomia mais encorpada, deitava a cabeça para trás, expondo a gargante barbeada, por onde corriam grossas lágrimas de suor, como um rio impressionante cuja foz era a camisa. Desviei os olhos, reprimindo um sorriso. Estes eram os pretensos líderes da economia, o bastião da cultura atual; mas até eles se vergavam perante o deserto.

O calor aumentava, e nós aproximávamo-nos do destino — não o da base militar, mas outro. Encarei descontraidamente o localizador do painel, e ao se aproximar de um valor, olhei de soslaio para o espelho retrovisor, onde encontrei as pupilas cor

de azeitona do motorista e desviei os olhos prontamente.

O veículo tossiu e abrandou, dando solavancos. Alguns dos europeus protestaram audivelmente, perdendo por instantes a postura diplomática. O motorista tentou avançar, mas o carro estremeceu de novo, acabando por se deter junto a uma duna.

Inclinei-me para frente, e coloquei uma pergunta ao motorista. Os europeus escutaram, preocupados, a nossa troca de palavras.

— Meus senhores — disse, voltando-me para eles —, lamento informar que o veículo se encontra inoperacional. Teremos de contactar com a base e pedir auxílio. Peço desculpas por este incidente, mas são coisas que acontecem. Foi-nos dado um veículo aparentemente defeituoso.

O inglês olhou irritado pela janela, reprimindo visivelmente um comentário mordaz. Os outros soltaram murmúrios de insatisfação. Apenas o eslavo se preocupou em perguntar quanto tempo demoraria a ajuda.

— Se enviarem prontamente um helicóptero, diria que cerca de meia-hora — respondi.

— Faça o favor de dizer ao motorista que os contacte imediatamente pelo rádio — ripostou o francês. — Espero que esse também não esteja avariado.

Deixei que a minha ausência de reação ao comentário servisse de reprimenda, e voltei a dirigir-me ao motorista. O europeu pareceu acalmar-se.

— Estamos com sorte — indiquei aos diplomatas, enquanto o motorista seguia as minhas ordens. — Fui informado de que estamos próximos de uma aldeia berbere. Poderemos descansar e refrescar-nos, enquanto

esperamos.

Era a melhor notícia que aqueles ouvidos poderiam escutar. Com redobrado ânimo, saíram de carro, percebendo, só então, que a aldeia ainda distava, e que teriam de percorrer a estrada a pé. Debaixo do sol.

Avançamos, lentamente. Notei o modo acelerado como eles perdiam a água do corpo, que ao surgir à pele se evaporava imediatamente. Não era de admirar que se sentissem exaustos, não estavam minimamente preparados para o deserto. Decidi apressar-me, antes que acontecesse algo de grave.

Fui conversando com eles, enquanto prosseguíamos. Era uma das situações de choque cultural que a princípio, me havia perturbado. O que para um compatriota era uma grave falta de educação, e porventura um insulto, para os ocidentais era um fenômeno perfeitamente normal; ali estávamos, conversando durante a caminhada, sem olharmos fixa e profundamente nos olhos um dos outros, travando a conversa das palavras que em nada relaciona com a conversa das almas, mais verdadeira. Como é possível que eles confiem um nos outros, que possam fazer negócios, se desconhecem o que vai no espírito do adversário?

Uma vida na diplomacia tinha embotado a minha sensibilidade. Conteí, com todo o à-vontade, que aquele era um acampamento de tuaregues, vindos dos montes Ahggar, tendo abandonados as suas hortas de regadio, e sido obrigados mudar de vida e de terras por um clima impiedoso que lhes recusava a água. Já não eram nômadãs — há muito que as caravanas haviam cessado as travessias do deserto; era impossível que

pessoas ou animais sobrevivessem às temperaturas violentas do coração do Sara. E a culpa era dos ocidentais, embora não lhes dissesse isso. Tinham sido eles a lançar as toneladas de dióxido de carbono, anos após ano, na atmosfera, com as suas indústrias de luxo, e os múltiplos carros por habitante, a todo o desperdício arrogante e exagerado, que agora estavam a pagar. Mas não eram os únicos, pensei, o mundo inteiro pagava pelos erros deles.

Chegamos à vista da aldeia. Tendões de pano fixadas por estacas, cabanas de madeira e pedras, dispunham-se pouco imaginativamente na sombra dum dos últimos oásis que subsistiam naquela latitude. As palmeiras era escassas, e as folhas, embora frondosas, apresentavam um aspecto amarelecido, nada promissor. A norte, encontrava-se uma plantação antiga, de tâmaras, cereais e hortaliças, a qual era cuidada por alguns dos habitantes; essas culturas estariam condenadas, quando o oásis acabasse por definhar. Para sul, situava-se o futuro.

— Tomates e melões — indiquei aos europeus, assim que havíamos amansado a sede, e descansávamos na sombra de uma palmeira. Notara a relutância que os diplomatas haviam mostrado, quando as gentes malicentes e enfraquecidas lhes ofertaram o que era evidente tratar-se de uma porção substancial das suas reservas de água. Tinham ficado tocados com o gesto, e sentiam-se levemente culpados, como pude observar pelo modo dedicado como beberam a oferenda, não deixando cair uma única gota, não aproveitando um resto de humidade sequer para limpar o pó que lhes cobria os

rostos. Desviei a vista; há momentos em que é duro ser-se diplomata. Vegetais bio-modificados para aproveitar toda a humidade do deserto. Estamos a pensar irrigar as planícies com água salgada do mediterrâneo, utilizando os oleodutos fora-de-uso.

— Regar vegetais com água salgada? Isso é prático?

— Ao contrário do que se esperaria, o esforço que o sal impõe sobre as culturas, obriga-as a uma melhor concentração dos seus recursos. Como exemplo temos os melões, que, embora resultem menores, são mais doces, mais apetitosos.

Assentiram com a cabeça, impressionados.

— O nosso plano era a irrigação de uma vasta área, aproveitando ao máximo o terreno, e a mão-de-obra dos tuaregues. Podem imaginar — varri o cenário com o braço — o deserto transformado numa horta imensa, dando frutos onde outrora apenas existia aridez?

— Kel Tamashek — murmurou o sérvio.

— Perdão? — perguntei. Os colegas também o tinham ouvido.

O sérvio olhou espantado para nós.

— Desculpem, estava a pensar alto. — E perante os olhares curiosos, viu-se obrigado a explicar, no seu francês sofrido. Kel Tamashek é a designação que os nômadas dão a si próprios. Tuaregues é um termo árabe, não propriamente... elogioso. Encarou-me com um ar culpado.

Continuei, descontraidamente.

— O projeto ambicioso do governo serviria para dar trabalho a estas povoações, que o deserto empurra para norte a cada ano que passa. Relançar-se-ia a agricultura, num regresso à competitividade argelina no merca-

do mundial. — Encarei os europeus. — Naturalmente, estamos receptivos a quem queira estabelecer uma exclusividade de distribuição.

Não se pronunciaram, como era de esperar, pois uma palavra sua poderia ser entendida como um comprometimento oficial; no entanto, a semente estava plantada, e eles retornariam ao Parlamento com os frutos dessa semente, que talvez ficassem maduros durante a discussão dos apoios externos. Os europeus tinham de aproveitar todas as hipóteses de intervenção que lhes surgiam. Depois de o leste ter sido conquistado pelos americanos e japoneses, e os países latinos da América se terem constituído num bloco hermético e convicto, restava apenas a África como mercado inexplorado — África, a tradicional terra dos interesses ocidentais. África, com os seus povos moribundos, com a sua ecologia em extinção, com a sua continuada falta de sistemas educativos, ansiava pelos estrangeiros, pelos novos invasores. Por que, se nos países do antigo pacto de Varsóvia, a penetração econômica havia sido relativamente fácil, no continente negro e tórrido havia que educar a população, aumentar-lhe o nível de vida, criar o que se chamava de “condições de mercado”. Apenas desse modo, poderia a Europa esperar que o povo comprasse as suas televisões, os seus terminais para a Rede informática, os seus métodos de maquilagem genética e rejuvenescimento do corpo. Mas esse investimento seria dispendioso, e demorado.

Era chegado o momento de me levantar e mostrar a aldeia, o povo — para lhes expôr a nossa cultura, bem como retirar-lhes da mente a

suspeita em crescimento de que a avaria do carro tinha sido demasiado fortuita. Tentei conversar com o chefe da aldeia, mas encontrava-se doente; enviou-me o filho, que não tinha ainda experiência e à-vontade para falar com representantes do governo, e se atrapalhava em servilismo e olhares de admiração mal disfarçada. Serviu, no entanto, para nos mostrar a aldeia, e contar algumas das funções e das história das gentes. Durante a visita, indicou-nos uma construção curiosa: um conjunto de habitações cujos telhados eram forrados por material reflector, que os isolava das altas temperaturas. Num dos blocos, notava-se distintamente o círculo de estrelas gravado.

— Mas aquele é o *Cyrano!* — exclamou o francês. — satélite que caiu no Sara há três anos.

— Eles encontraram-no no meio das dunas — expliquei. — E o que se encontra no deserto não tem dono, pertence à terra. Como podem ver, é útil para se protegerem do calor violento. — Interiormente, estava divertido com a expressão do francês, ao contemplar o uso que os nômades faziam do equipamento de milhões de ecus.

O motorista apareceu, a indicar que o helicóptero não demoraria muito. Os europeus dispenderam os últimos momentos a ser assediados pelas crianças magras, mas cheias de energia, que passavam as mãos pelas camisas de algodão sintético, pelas calças, e tocavam naqueles seres estranhos, cuja pele era mais clara, e a estatura mais alta do que, alguma vez, elas viriam a ser. O sérvio, num repente inesperado, tirou o chapéu e entregou-o a um dos miúdos ansiosos, que prontamente o colocou, e nele manteve

as mãos, não fosse algum dos amigos ter idéias menos próprias. O sérvio sorriu, e eu sorri com ele, agradado pelo gesto. Não eram más pessoas, pensei. Situávamo-nos apenas em diferentes lados do tabuleiro, num jogo em que não se podia perder.

Quinze minutos depois, estávamos já no ar, distantes da terra escaldante que fugia sob nós, passava aceleradamente sem a tocarmos, quase sem a conseguirmos apreciar. A aldeia estava longe. Em frente, a base militar; depois, Argel, e o clima do norte, mais fresco, mais húmido mais humano.

— É uma terra tão dura — disse o sérvio. Parecia fascinado. — Tão exigente, tão caprichosa. Mas há nela uma honestidade simples e confiável, em que uma pessoa se pode descobrir a si própria; sabendo que será aceita, desde que siga as regras. É como as pessoas a quem a vida trata aos pontapés — lançava-me um olhar fascinante —; é difícil que se apeguem a algo, que gostem de alguma coisa. Mas quando amam... entregam-se de alma. Esta terra é assim. Oxalá que o projecto do seu governo rexulte.

Olhei para baixo, para a África, para a terra da aridez e da disputa. Durante milênios, esta terra criara um povo, uma cultura, que sabia fazer uso dos recursos escassos. Poderia a África tornar-se na terra da abundância? E nós, os seus habitantes, em que nos tornaríamos?

— Inchallah — foi a minha resposta. Se Deus quiser.

Luíz Felipe Silva é a mais nova promessa da moderna FC portuguesa. Vencedor do Prémio Caminho de FC, vem publicando com regularidade na mesma editora, obtendo excelente repercussão no fandom brasileiro.



ROBERTO SCHIMA 347-83

somnium 62

Uma Noite na Periferia do Império

João Barreiros

O primeiro contato com outras culturas de nosso próprio planeta já representa uma verdadeira aventura.

O que dizer então quando o embaixador cultural dos Croap'tic desembarca num mundo que parece estar determinado a mostrar a validade das leis entrópicas? Acompanhe as andanças de Sua Senhoria Canto Franco nesta engraçada aventura, travando contato com uma estranha cultura de grau 3...

Embaixador cultural dos Croap'tic, Sua Senhoria Canto Franco, desembarca no novo astroporto da Portela com as penas ensarilhadas devido às piruetas aviônicas que o vaivém orbital sofreu para se escapar ao caos ascendentes de outros módulos pilotados por IAs perfeitamente estressadas pela greve dos controladores. As pobres patas, protegidas pelas placas ornamentais da Guilda dos Bem Pensantes, mal o sustentam, agora que são obrigadas a suportar uma carga adicional de vinte quilos de ossos, mais equipamento de sobrevivência em ambiente hostil, além da cápsula criogênica onde viaja, ainda arrefecido à temperatura do nitrogênio líquido, o seu fiel servo proto-brasiliense Chirptic.

Estarrecido de pasmo, em pleno centro do hall de chegada, com o bérinde negro dos olhos arregalado em busca de um qualquer funcionário que lhe possa oferecer um mínimo de indicações, o Embaixador contempla, indignado, um piquete de controladores aéreos em greve. As criaturas, de punhos erguidos, com crânios raspados cheios de fichas de integração, desfilam de um lado para o outro, sacodem cartazes de protesto que o mini tradutor semântico acoplado ao nervo óptico sugere tratar-se de algo parecido com: MAIS TRABALHO PARA OS CIRCUITOS HÚMIDOS, ABAIXO AS COISAS DURAS! Enfim, frases provavelmente destituídas de qualquer conteúdo semiótico.

Humanos correm apressados, em círculos, a sacudirem maços de formulários, como se não tivessem mais nenhum objetivo na vida senão circularem assim, a esmo, através da imensidão da sala. Alguns deles, periclitantes, sujeitos à universal praga da senescência e entropia, deslizam amarrados a cadeirinhas cheias de

circuitos a piscar, enquanto outros, mais atléticos, exibem bíceps e glândulas mamárias a quem por bom preço lhes queira mexer. Por fim, aqui e ali, dispersas no meio da turba, umas quantas matriarcas com crias de assalto no arrasto, esbofeteadas para melhor estimularem os vagidos de guerra (pelo menos é essa a impressão do Embaixador), e em resposta as crias berram, desalmadas, sacudindo desintegradores de plástico, espadas laser, ou placas de jogos de simulação entre os dedinhos sapudos.

O bando de alienígenas comprime-se, mistura-se, dilui-se, numa azáfama de sons, de insultos, de perfumes sintéticos supressores da agressividade e baforadas involuntárias de feromônios sexuais. E como se tudo isto não bastasse, como se não bastassem os berros de agonia dos controladores a serem perseguidos por descargas eletrostáticas que chovem do alto, os altofalantes direcionais ditam ordens incompreensíveis aos ouvidos delicados do Embaixador.

Canto Franco inclina para trás o pescoço serpentóide, inclina-o como costuma fazer na Embaixada para reclamar a atenção dos mal-nascidos, desdobra as penas da cauda para mostrar a todos como é perfeita e sublime a antiguidade da sua estirpe, e é precisamente nesse instante que uma das crias de assalto se chega junto dele à socapa, e covardemente lhe arranca uma das ditas penas que demoram dez anos standard a crescer. O Embaixador berra, os controladores aéreos, lá mais ao fundo, fazem coro mas por outros motivos, os altofalantes insistem nas ordens subliminais, e o garoto, com o prêmio

levantado na mão, desaparece no meio de todo este caos para nunca mais ser visto.

Por todo o lado, contra as paredes distantes, um pouco abaixo do teto invisível, vêem-se hologramas a invocar o nojo de bocas carnudas e escancaradas a descobrirem o marfim das presas necrófagas, ou então corpos humanóides seminus, sem o mínimo tufo decente de penugem, abraçados a artefatos tão brilhantes e polidos quanto eles. O Embaixador adeja uma das asas, abre o bico para trinar um cântico de chegada, para se dar a conhecer, se é que alguém resolveu vir buscá-lo, mas depois lembra-se de que está aqui incógnito, em visita secreta e discreta a esta capital terceária perdida num braço periférico da Galáxia

Ei-lo enfim num mundo exógeno onde a evolução sofreu regras aleatórias. Ei-lo no único planeta conhecido onde os braquiantes são sofotes de pleno direito. Sofotes e agressivos, aida por cima, como se não fizessem a menor idéia do respeito que se deve a quem lhes é superior.

Resignado, o Embaixador pousa a cápsula criogênica no meio do chão, espaldana as asas para ver se espanta os curiosos mais afoitos, trina o código de acesso aos selos de pressão, e, obediente, a mala desfaz-se em duas, jatos de vapor condensado escapam-se, discretos, em novelos de geada, o pseudo-útero rasga-se a meio, deixando emergir a forma entorpecida do Chirptic.

Ao despertar, o proto-braquiante espreguiça-se, enrola a cauda à volta da cintura e corre a abraçar a pata escamosa do Embaixador.

— Mestre! Ai Mestre, que alegria...

– clama num guincho que é suposto ser trinado – Um belo jardim florido para ti... Uma manhã cheia de frutos maduros... Uma melodia territorial ao fim da tarde... Que nunca o teu ninho fique sujo pelas fezes de um...

– Já chega! – responde o Embaixador, embaraçado pelas efusões afetivas do seu familiar. À sua volta, o círculo de humanos ainda não parou de crescer. Há quem sacuda punhos, exiba dedos médios entre dois dedos encolhidos e debite frases que o tradutor se recusa a traduzir. – Pega nas bagagens. Liga o amplificador gnóstico... Preciso de todas as tuas funções cognitivas em atividade máxima. Agora vê lá se consegues descobrir o caminho até ao controle alfandegário...

Dias antes, ainda em órbita, o Embaixador foi avisado que as alfândegas da Terra se tinham transformado num tormento de minúcia burocrática. Todos os viajantes não-humanos eram por força das circunstâncias, forçados a preencher manualmente nem mais nem menos do que trinta impressos. Juras de honra, seguros de vida, declarações de consumíveis, isenções de responsabilidade e imunidade bacteriana, afiliações políticas, para tudo havia papelada. Atividades que um Croap'tic, com apenas dois dedos vestigiais nunca conseguiria levar a cabo se não fosse a fiel prestação de serviços da espécie quase sofote dos Chirptic.

E o Chirptic, finalmente terminadas as saudações de respeito hierárquico, de olhos arregalados perante a presença de tantas criaturas gigantescas, é certo, mas tão parecidas consigo, põe-se a pensar, aterrado, no que seria viver num mundo

assim, um mundo sem Mestres, um mundo onde as aves (assim lhe contam os sensores gnósticos), nunca chegaram a atingir um grau sofótico digno de nota. Um mundo ao que parece quase sem jardins, sem penas, sem ninhos, sem a honra sublime de nos podermos deitar sobre os ovos do nosso Mestre...

– Estou à espera... – trina o Embaixador, irritado, com as unhas a rasparem contra o lajedo do hall. As penas à volta do pescoço insuflam-se para mostrar quem manda em quem. Quanto às da cauda, Canto Franco mantém-nas discretamente recolhidas, não vá outra criança de assalto provocar novas depredações.

Aterrado, a verter gotículas de urina odorífera, Chirptic agarra nas alças das malas flutuantes e apressa-se na direção do corredor que os implantes lhe dizem ser a saída. Atrás dele seguem alguns populares mais afoitos. Abaixo, abaixo, zona anal, vociferam alguns. Chirptic não entende os motivos de tanta comição. Melhor assim. O seu dever é estar atento aos desejos do Mestre e ignorar todas as distrações periféricas a este problema principal.

O funcionário da alfândega, com os olhos perdidos na placa do scanner, mal levanta a cabeça.

– Têm licença de importação de animais domésticos? Essa criatura foi devidamente desparasitada? Traz piolhos? Desinfetou as penas?

– Kroak! – esganiça-se o Embaixador absolutamente chocado, incapaz de articular qualquer expressão inteligível. – Insulto racial! Abominação! Crime genético!

Chirptic arregala os olhos lemurianos. As mãozinhas peludas tamborilam sobre o tampo da mesa,

ansiosas por resolver a gafe do funcionário:

– Respeitável agente desta tão nobre raça, peço perdão por ousar corrigi-lo, mas em boa verdade sou eu o animal doméstico. O polegar oponível de Sua Senhoria. O seu companheiro fiel e esforçado. Os meus raciocínios só existem por integração direta com os lobos pré-frontais do meu Mestre Bem Amado...

– Ai sim... Quer dizer que é o criado desse pavão? Bom há gostos para tudo... Vocês os Exóticos, são tantos... E depois adoram fazer segredos como se nós fossemos obrigados a saber quem é que pertence a quem... Olhe, confusões destas acontecem... Bom, mas vamos lá ao que interessa... Papéis! Documentos! Certidões! Certificados!

Canto Franco ergue o pescoço num movimento serpentino. Asas espadanam, libertando micro-penugens que se vão alojar nos canais respiratórios, já de si saturados, do humano. Garras raspam a alcatifa puída. Os olhos do funcionário começam a brilhar com uma expressão cada vez mais maldosa. enquanto Chirptic, frenético, com uma das maletas abertas sobre o tampo da mesa, vai procurando em desespero de causa, todos os formulários que lhe foram confiados durante a estada na Estação Orbital.

– Este incidente não ficará atolado no silêncio quiscente dos bem pensantes... – insiste o Embaixador, indignado. – O seu comentário provocatório só pode revelar duas coisas. Ou o senhor ignora por completo o exercício das suas funções, ou resolveu insultar-me com um comentário etnocêntrico. De

qualquer modo espere por uma queixa...

– Meu Senhor... Mestre... Cautela, que vosso transtorno pode perturbar o exercício rítmico dos vossos inefáveis papos... Peço-vos que vos acalmeis... O estresse nervoso...

O agente alfandegário arreganha as mandíbulas. Bocadinhos de matéria orgânica semimastigada espreitam entre os caninos.

– Como que então querem reclamar? Ótimo! Adoro Exóticos que reclamam. Mais formulários para preencher num português escorrito e inteligível, se fizerem favor. É necessário que a queixa seja devidamente explicadinha. E qual dos senhores é o queixoso, uhm? Sim, porque os regulamentos exigem absolutamente que qualquer queixa étnica seja feita apenas pela vítima... Nesse caso. específico, qual dos dois cavalheiros é a parte que se considera lesada?

– Kroak! – grasna o Embaixador sem nenhuma harmonia na voz.

– Serenidade, Mestre! Paz, Mestre! Um céu luminoso, Mestre! – chia Chirptic, o proto-braquiante. – Respeitável humano, o Mestre não tem dedos... Como pode ele pegar numa caneta se...

– O problema não é meu. Ele que se arranje. Pelo visto, – comenta o funcionário com uma piscadela de olho para os colegas que não perderam pitada da cena – temos assunto para muitas horas...

2

Milhares de batimentos cardíacos depois, junto às comportas exteriores do astroporto, com todos os problemas resolvidos da melhor maneira possível, o Chirptic atreve-se a

perguntar ao seu Mestre e Senhor:

– Perplexidade neste triste eu. Porquê tanta agressão da parte dos humanos? Humildemente requisito a explicação de tal mistério...

– Questões etnocêntricas que ultrapassam as tuas capacidades cognitivas... – Os humanos evoluíram sozinhos sem a ajuda dos avídeos. Levam a mal que não haja na Galáxia conhecida mais nenhuma espécie mamária que tenha passado pelo mesmo processo evolucionário. Em boa verdade não gostam de saber que os braquiantes são nossos servos.

– Mas Mestre, a nossa função é sublime... Servimos de mãos aos melhores entre os melhores... Fabricamos artefatos que outros conceptualizaram... E somos tão felizes...

– Eu sei, meu bom Chirptic, – responde o Embaixador cobrindo a criatura lemuriana com uma das asas, em sinal de intimidade. – Eu sei que vocês, chirptics, não desejam ser outra coisa do que aquilo que já são. Mas estes arrivistas, estes humanos, desconhecem isso. Estão a projetar sobre nós complexos de natureza...

Infelizmente, o Embaixador não tem tempo para terminar este discurso tão edificante. De súbito, eilos rodeados por vinte taxistas frenéticos, com luzinhas de presença a cintilarem-lhes sobre os bonés. “Taxi, senhores?”, “Guia senhores?”, “Faço descontos especiais no transporte das bagagens, senhores”, “Comigo, os animais de estimação têm tratamento VIP, estimados cavalheiros”, “Por aqui, chefes”, “Mais lá no fundo, parceiros”...

O Embaixador olha em volta e só

vê casacos de semil-couro, bonés luminescentes, dentes rasgados e dezenas de mãos a erguerem-se na direção das bagagens flutuantes. Chirptic chia, esganiçado, a correr de um canto para o outro, tentando salvar as malas, tentando proteger com o corpo esguio, a vastidão portentosa do seu Mestre.

Por fim triunfa quem mais forte é. Um taxista possante, energisado por anos de esteróides anabolizantes, pega no chirptic em peso e arrasta-o na direção do hover-taxi arrumado em cima do passeio. Aterrado perante a eminência deste rapto, Sua Excelência Canto Franco segue logo atrás, de asas abertas, aos pulinhos, a piar. E as bagagens, obedientes, soltam-se das mãos que as prendiam e lançam-se a voar num vôo rasante na pegada do grupo.

É noite, neste lado do mundo. O ar tresanda a gorduras cozidas. Para as bandas do astroporto, ouvem-se os estrondos dos módulos orbitais a devorar ozônio. Lasers de ejeção rasgam a treva sebosa num tracejado actínico. Em nenhum lado perpassa a sombra do perfume de jardins.

Depois de ter guardado a bagagem no respectivo compartimento do hover-taxi, o motorista senta-se aos controles e aí fica sentado, durante vinte minutos, a dedilhar no volante. No assento traseiro, Chirptic tiritada de medo enquanto Sua Excelência solta piados confrangedores de agonia.

– Então? – pergunta-lhes o taxista ao fim de meia hora de espera. – Decidimo-nos ou não? Olhem que o tempo está a contar...

– Decidir o que? – responde Chirptic manifestando em viva voz as interrogações silenciosas do seu

Mestre.

– Para onde querem ir? Hotel ou passeio? Negócios ou prazer?

– O Mestre pretende visitar a vossa heráldica cidade... – explica o proto-braquiante. – Está aqui incógnito, a prospectar terrenos para a edificação de futuras Embaixadas... quer ver coisas novas e esteticamente corretas.

Ziiip! eleva-se o vidro de defesa entre o assento traseiro e o do condutor. VROOOM! Explode o turbo do taxi, ativado com toda a energia de quem é profissional nestes assuntos. O veículo arranca, comprimindo os passageiros contra os bancos. Através do retrovisor, os olhinhos do motorista ora piscam, ora cintilam, maldosos. Os lasers da Portela contraem-se na distância.

– Com que então uma visita cultural? Quer ver frangas? É isso? O seu patrão veio despejar as gônadas em terra alheia? Unh?

– Não percebo a alusão... – queixa-se o chirptic. – Frangas?

– Que cheiro ruim... – protesta Sua Excelência, indiferente a tudo, num português arrastado.

– São os olivais a queimar... – explica o motorista. – Os meus amigos já repararam naquele clarão ali ao fundo? Estamos muito próximos da zona catástrofe. As autoridades andam a incinerar as zonas contaminadas pelas bactérias plastrofágicas. Se quiserem saber a minha opinião, isso não serve de nada. Os vendavais provocados pelos disparos dos módulos orbitais só ajudam a dispersá-las por toda a Lisboa...

– Biohazard... – concorda o chirptic. – Situação característica em Culturas de Grau 3...

– Parvalhões... – rosna o taxista

entre dentes, rasando a poucos milímetros a forma bojuda de um caminhão carregado de nitrogênio líquido. – Mal chegam e já começam as calúnias...

Lisboa, aos olhos do Embaixador, é uma cidade feita de rombos de negrume, prédios semi-demolidos, chumaços de vegetação parasita e pirâmides bancárias a ferver soluções de lucros rápidos. Arames farpados separam os bairros meio destruídos dos zigurates luminosos dos Centros Comerciais. Por fim, o hover-taxi imobiliza-se junto a um prédio da cidade antiga. O bloco ancestral foi pintado de novo com nanotinta e os pigmentos móveis desenham na fachada apelos em três línguas galáticas:

FRANGAS FRANGAS
FRANGAS FRANGAS

SHOW ERÓTICO PARA
EXÓTICOS

– Chegamos! – informa o taxista brecando mesmo em frente das portas abertas de par em par. – Gosta de dar cabo delas? Estourar as gajas com uma Uzi? Torcer-lhes os pescoços? Degolá-las? Saltar-lhes para a espinha?

– Perdão? – pergunta o Embaixador. – Não percebi nada.

– Sua Excelência está perplexa. – diz o chirptic saltitando sobre o banco traseiro, com os olhos esbugalhados. – Não entendeu o significado cultural deste empreendimento que ora visitamos, honrado funcionário dos transportes urbanos... Não se importava de esclarecer...

– Olhem, meus meninos... – replica o condutor a acariciar a caixinha

eletrônica do taxímetro, que ainda não deixou de contar Êcus. – Galinhas mutantes, topam? Estúpidas galinhas gigantes que só servem para uma coisa. Criadas especialmente para vocês, os Exóticos...

– Horror... horror... – sufoca Sua Excelência absolutamente ultrajado pelo o que ouviu.

– O Mestre está perturbado... – geme o chirptic. – E quando o Mestre está perturbado, eu... as minhas capacidades gnósticas... sofrem... um decréscimo...

– Vamos lá: pagando e saindo... Vir aqui comer as gajas é o que vocês mais querem neste mundo... ou julgam que eu não sei? – ameaça o taxista apontando um orifício onde é suposto enfiar-se o cartão de crédito. – Então não gosta das nossas galinhas? São estúpidas, mal sabem falar. Mas bem boas e apetitosas. Vocês dão cabo delas e depois a malta assa-as no churrasco...

– Horror... – insiste o Embaixador.

Entretanto, resignado, o chirptic paga o preço escandaloso da corrida (vinte vezes mais do que a tarifa habitual), abre as comportas, assobia às malas e ajuda o Embaixador a descer do turbo-taxi.

– Ferro nelas, oh pavão! – grita-lhe o taxista antes de arrancar no meio das alamedas desertas. – Aproveita enquanto podes...

3

Mal pousa a pata no passeio e eis que Sua Excelência se vê rodeado por uma turba de funcionários humanos com máscaras de galo enfiadas na cabeça. Os funcionários tentam agarrar Canto Franco por uma das asas e puxá-lo para o interior do prédio onde holo-

gramas de galinhas cacarejam e esgravatam a terra que cobre o pátio de acesso, com um sacudir de cristas que é suposto ser do mais profundo erotismo.

Sem saber o que fazer, Chirptic chia e dá umas quantas corridinhas do Mestre para o chumaço de bagagens e das bagagens de volta ao Mestre.

– Entre, entre, entre... estas ruas não são seguras à noite... – dizem os pseudo-galinácios, nervosos e agitados, com os olhos a percorrerem as alamedas de momento desertas. – Divertimento absoluto ali dentro... preços acessíveis... todas as perversões disponíveis... temos peruas, pavoas, moas e avestruzes em estoque, se não gostar das nossas franquinhas. Existe uma sala de espera confortável com sagüis fêmeas para o seu... unh... ajudante...

– Não... não... – insiste sua excelência, de unhas fincadas no lixo que cobre o passeio. – Não era isso que eu...

E depois é o caos. Da sombra de uma das vielas laterais emerge um grupo de humanos armados até aos dentes. Trazem enfiadas na cabeça máscaras de gorila. Nas T-shirts negras, reluz um texto incompreensível: Down with Godzilla! King-Kong lives!

Os funcionários/galos berram de susto e correm a esconder-se no interior do prédio. Barreiras metálicas descem do alto, vedando todo o acesso ao interior do prédio. Poucos segundos bastam para que Sua Excelência Canto Franco e Chirptic, o seu fiel extensor comunicativo e operatório, fiquem cercados por todo um conjunto de odores que tresandam a morte e agressividade. Braços musculosos

encostam o Embaixador contra a parede tracejada pelos vergões de queimaduras recentes. Outros pegam o chirptic no colo e dão-lhe palmadinhas amigáveis nos ombros esguios:

– Estás liberto, camarada! – sussuram-lhe aos ouvidos. – Terminou a opressão étnica!

– Mas...

Aterrado, envolto numa nuvem de minúsculas penugens que se lhe desprenderam do corpo, Canto Franco não percebe nada da situação em que o meteram. O bico entreato deixa escapar alguns piados aflitos. Separaram-no dos seus dedos. Mas porquê? *Porquê?* Em desespero de causa, estica o pescoço, disposto a trinar um cântico de paz, amor e reconciliação entre as espécies.

– Cautela! – exclama um dos membros do grupo – O cabrão vai atacar...

– Morte aos escravagistas! Morte aos neo-colonialistas!

E o grupo inteiro faz fogo sobre o Embaixador. Uns disparam lasers calcinantes, outros, tambores de micro-flechas. Alguns, umas quantas balas de ponta oca. Sangue exótico desenha ideogramas contra a parede ultrajada. Penas esvoaçam a esmo. Um fedor a fezes, cordite e ar ionizado avassala a rua.

– Execução terminada! – troa um dos comandos King-Kong. – Longa vida às Brigadas Negras da Libertação das Espécies Oprimidas! Morte a todos os opressores das glândulas mamárias! Vitória ao polegar opo-nível!

Chirptic encontra-se em estado de choque, nem quer acreditar que o seu Mestre acabou de ser assas-

sinado perante os seus olhos. Aliás isso é coisa que pouco importa. Terminada a ligação neuronal com o córtex do Embaixador, poucas funções cognitivas restam ao simbiote. Um fiozinho de urina perfumada escorre-lhe entre as pernas. Perdeu a capacidade de pensar, de falar... as cordas vocais, agora, só emitem vagidos de medo.

Um dos comandos para a Libertação das Espécies Oprimidas ajoelha-se junto dele e abraça-o num amplexo de irmãos: – Agora estás livre e senhor do teu destino, companheiro. Vai e vive em paz a tua vida. Aprende a pensar por ti e a utilizar as mãos em teu próprio proveito e no da tua espécie...

O Chirptic arregala ainda mais os olhos lemurianos. Ei-lo abandonado num mundo incompreensível feito de formas luminosas, odores e ruídos destituídos de nexos semântico. As mãos fecham-se e abrem-se sem que haja por ali um ramo a que se possam agarrar.

– Então, camarada? Não se agradece?

– Fez... xixicipitifi... – responde o Chirptic enfim liberto.

Esta humilde estorinha é dedicada ao Luíz Marcos e às suas muitas aventuras lisboetas.

João Barreiros é professor de filosofia em Portugal. Foi editor da coleção Limites, que publicou diversos autores da nova geração da FC, como Dan Simons e, Brian Stableford. Teve dois contos publicados na antologia O Atlântico tem duas Margens e mais recentemente um livro de contos, Caçador de Brinquedos e Outras Estórias ambos pela Editorial Caminho.

André Carneiro

A cada crime inquirido
 sou quase inocente.
 Sobrenado em mim mesmo.
 Navio pesado, prôa visível,
 os porões mergulham nas cinzas.
 É melhor o minuto, agora,
 do que cemitérios na memória.

Cristo, é mesmo construtor de galáxias?
 Einstein deu à luz

a máxima rapidez do universo.

Mas o psitron corre mais,
 avança no tempo futuro e passado,
 deixa em nossa cabeça

o que aconteceu antes ou depois,
 no próximo centenário.

O acaso inteligente é a
 sincronicidade de Jung.
 Um Deus de barbas brancas é
 meu desejo,

morando próximo
 (em Alpha de Centauro),

lapidando lentamente este
 macaco de ontem,
 de alma sólida, indestrutível,
 à imagem e semelhança do
 orgulho definitivo.

Eva, amamentando Caim,
 vestida com sua folha de parreira,
 sorri, ao lado.

O bebê chora, faltam cinco mil anos
 para atravessar todas as páginas
 da Bíblia.



Parapsicológico Mistério

André Carneiro

Há parapsicológicas explicações
no seu jeito de criar meus pensamentos.
Embora os rudes golpes das unhas vermelhas,
danço com sua respiração no peito,
minha palma oprime
a fronteira explícita das nádegas.

Depois do crime,
(às vezes suposto),
escondo evidências,
você encontra o punhal
e me suspende
no lenho dos suplícios.

• Há parapsicológicas adivinhações
à revelia das vítimas ou cúmplices
nos desvãos da minha inconsciência.
A mentira, raiz das sementes na testa,
é sua e minha, desde agosto até setembro,
quando os prédios desabaram,
o céu soltou as nuvens
e o amor se dissolveu
nas menstruações solitárias.

Na madrugada nasço de novo,
a memória retoma a visionária
realidade.

Há parapsicológicas falhas
nas palavras misturadas em
minha boca.

Fiz um muro de silêncio
e espreiro cauteloso,
além dos gemidos
e do orgasmo.

Talvez um dia eu adivinhe e
enxergue,
olhos fechados,
a minha vida,
dívida,
dívida,
e o parapsicológico
mistério.



O que Sonham os Cativos

Luís Felipe Silva

Imersos num oceano de
carne macia

tecido frio cobrindo a sua
pele adormecida

eles sonham.

Escuridão penetra pelos
olhos cerrados

os membros atrofiados
perdendo-se no interior da besta

e eles dormem

fantasiando continuamente

Um vibrar suave amansa-
lhes os ouvidos inúteis

uma doce humidade
repousa nos seus lábios

Por vezes sorriem na
doçura mas a boca fica imóvel

o rosto fica imóvel

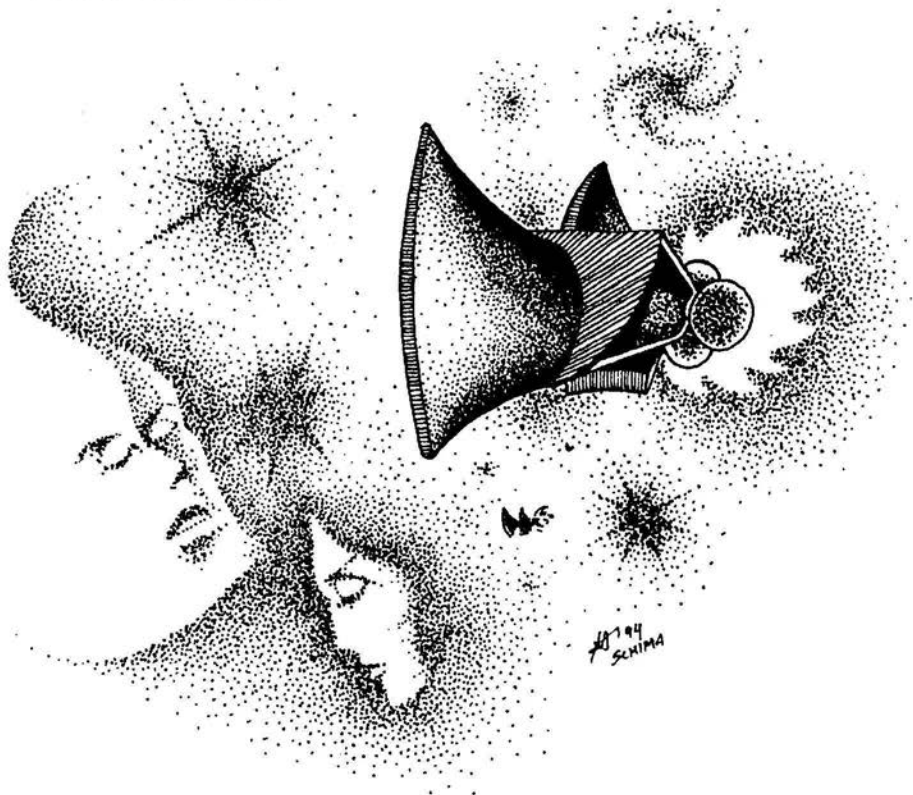
o corpo fica imóvel

um ou outro estremecer
conquistando os dedos

enquanto sonham

A besta pulsa sobre eles
abaixo deles

coabrindo-os, dissecando-os
devorados



os seus sonhos
 Sentem a presença dos
 companheiros
 em sonhos atuam com eles
 acordados estão sós

Tentáculos penetram pelo
 crânio
 introduzem-se pela boca
 pelo nariz pelos olhos
 devorando o sonho cobrindo
 o cérebro
 consumando a ligação
 inquebrável
 que não poderá ser desfeita
 Quem são aqueles cativos
 quem foram
 devorados pela besta
 gigante e inconsciente
 a criatura primitiva que
 conduzem
 pelo frio do espaço
 saltando de estrela para
 estrela
 transportando carga e
 humanos no estômago
 adormecido
 quem são os cativos que se
 deixaram devorar
 quem foram aqueles
 humanos
 como tu e eu pessoas
 pessoas que tinham sonhos
 Sonhos que já não são seus.

O que sonham os cativos?
 Longos navios de proa alta
 velejando num mar azul
 imenso
 sem fim de ilha para ilha

Altos penedos no cimo de
 um
 desfiladeiro à distância de
 um
 pulo montados no pescoço
 de
 dragões alados que cospem
 fogo
 forças puras da natureza
 A brisa esbofeteia-lhes o
 rosto faz esvoaçar
 os cabelos abrem os braços
 que estão unidos ao manto
 e voam
 em céus azuis e púrpuras
 nuvens
 em crepúsculos dourados e
 em campos verdes
 em rios de prata e ribeiros
 de bronze
 E se a noite tombar sobre o
 país
 se estrelas brilharem num
 negro profundo
 como cintilações por detrás
 de pálpebras fechadas
 se as trevas forem gélidas e
 pesadas
 e de repente a consciência
 retornar
 de duas mãos duas pernas
 dois olhos um passado
 eles acordam
 e enlouquecem
 Não têm mais sonhos para
 sonhar.

Luís Felipe Silva é a mais nova promessa da moderna FC de Portugal. Foi vencedor, ao 24 anos, do Prémio Caminho de FC. Vem publicando regularmente na mesma editora, obtendo excelente repercussão no fandom brasileiro.

Meu Célebre Ato, No Paramount

André Carneiro

*Parapsicólogos
eminentemente ou charlatões
contumazes? A
convivência de nosso
cronista com "mágicos"
e afins nos mostra que a
melhor forma de
reconhecer e combater o
charlatanismo pode estar
em conhecer-nos a nós
mesmos...*

Cada vez mais, as definições internacionais sobre a ficção científica se tornam mais amplas. É natural. Escolas literárias são batizadas para efeito didático. Toda a literatura mundial pode ser dividida em boa e má (e entre as duas, os meios tons que o tempo se encarrega de classificar). O realismo fantástico, de grande importância na Argentina, tem um parentesco tão grande com a F.C. que se confunde muitas vezes com ela. Antologias argentinas não distinguem o realismo fantástico da chamada F.C., o que não tem a menor importância, vale o que é bom.

Para os rigoristas, só um tratamento PARAPSICOLÓGICO justifica um conto fantástico ser rotulado como ficção científica. Como acontece freqüentemente no Brasil, o termo tem sido deturpado. Parapsicologia estuda os fenômenos não explicados pelos cinco sentidos. Parapsicólogo é o estudioso do assunto. Na televisão costumam se apresentar notórios vigaristas e impostores como "parapsicólogos", porque se dizem capazes de provocar adivinhações, premonições, levitações etc. Às vezes provocam mesmo, aparentemente, usando truques, prestidigitação e, principalmente, o desconhecimento e a ingenuidade dos entrevistadores e do público. O parapsicólogo, normalmente, é um erudito do assunto e não produz fenômeno algum.

É obrigatório para quem estuda Parapsicologia fazer um curso de mágica, que inclui prestidigitação, kumberlandismo (truques em que se usa a cooperação do indivíduo e do público com processos psicológicos) etc., para ter a capacidade de distinguir entre um verdadeiro fenômeno e as fraudes. Isso não é fácil. Muitas décadas atrás, quando ainda não tinha feito

esse curso, fui um “assistente” de Cantarelli, que tinha fama mundial e se apresentava no Brasil, no teatro e cinema Paramount. Ele era o único no mundo que fazia o célebre truque da mulher serrada ao meio, dentro de uma caixa de madeira, admitindo que vinte ou trinta espectadores (eu incluído), observassem de perto, no palco. Era impressionante. A serra tinha um diâmetro de, pelo menos, dois metros. O motor que a girava fazia um barulho enorme e, quando penetrava na caixa de madeira (o rosto e os pés da “vitima” eram visíveis de um lado e de outro), espirrava “sangue”, a mulher gritava e muita gente descia do palco sentindo-se mal. Naturalmente, no fim da demonstração, a mulher serrada levantava-se bela e formosa, palmas, e o espetáculo continuava. Às tantas, Cantarelli solicitou do público a maior concentração e silêncio porque iria demonstrar uma transmissão de pensamento. Pediu que dez voluntários subissem ao palco. Eu subi, emocionado e, ao mesmo tempo, duvidando da seriedade da coisa. Ele pediu ao público que, (através de palmas) escolhesse aquele que parecia o mais capacitado para “transmitir pensamentos”. Se analisarmos esse pedido logicamente, é um absurdo. Como o público teria meios de saber, dentre os dez voluntários, quem era o mais capacitado? Pois eu fui o escolhido. Talvez porque fosse o mais jovem, ou porque fiz a minha melhor cara de “transmissor de pensamentos”.

Cantarelli, sempre dando ao ato um caráter de grande seriedade e pedindo a cooperação do público, pôs em minhas mãos uma estreita faixa preta e pediu que eu vendasse seus

olhos. Eu o fiz, trêmulo.

Já com sua faixa preta colocada, solicitou que eu escolhesse, mentalmente, uma determinada pessoa da platéia. Havia umas quinhentas, pelo menos. Eu estava com um amigo que se sentara ao meu lado, mas, desconfiado, imaginei que seria uma tolice escolhê-lo. Lembro-me de que me decidi por alguém da primeira fila. Mas tomei a exagerada precaução de não olhá-lo de frente, imaginei que um comparsa estaria examinando meu olhar para descobrir quem era. Cantarelli, sempre falando e demonstrando emoção e dificuldade, foi descendo do palco pela escada em direção ao corredor central. Eu, atrás, ele falando sem parar coisas como “vamos, vamos, fique bem perto, me siga, concentre-se, pense na pessoa, venha, venha...” Ele ia se deslocando pelo corredor, em direção às últimas filas, andando de costas, mas bem perto e de frente para o jovem metido a transmitir pensamentos. Nunca em minha vida me sentira com tanta responsabilidade. Solicitado sempre, eu “pensava” no desconhecido que estava lá longe, sentado nas primeiras cadeiras, enquanto o grande mágico internacional o procurava no fim do teatro. Cantarelli, sempre muito próximo, entrou por uma fila, eu atrás, esbarrando nos joelhos dos espectadores. Ele pôs a mão na cabeça de uma jovem e disse: “foi esta?” Respondi logo, em voz baixa: “não, não”. Cantarelli foi saindo, sempre de costas, eu atrás, enquanto pedia ao público para fazer silêncio e me concentrasse mais. Eu fazia força, mas naquela altura parece que o fracasso era inevitável, não tinha a menor idéia de como ele iria justifi-

car tudo. Voltando pelo corredor central, eu atrás, ele entrou em outra fila, levantou a mão para escolher outra pessoa errada mas arrependeu-se, saiu com mais pressa, eu atrás, chegou até a primeira fila, foi para um lado, para outro, até que, dramaticamente, segurou no ombro do indivíduo que eu tinha escolhido. Em voz alta, perguntou: É este? Aliviado e feliz eu também respondi bem alto: "Sim, é este". Cantarelli tinha adivinhado, a escolha do público perfeitamente justificada, eu era mesmo um magnífico transmissor de pensamentos, o teatro explodiu em palmas.

Depois desse enorme sucesso, saí do Paramount com duas opiniões conflitantes. Afinal Cantarelli havia adivinhado corretamente a minha escolha. Alguém do público poderia pensar que eu era um comparsa, teria sido pago para fingir o ato. Eu sabia que não houvera combinação. Eu pensara naquele indivíduo desconhecido da primeira fila e Cantarelli chegara até ele com os olhos vendados... A segunda opinião era uma desconfiança. Alguma coisa me parecia falsa. Naquele turbilhão dentro do teatro, eu duvidava da precisão do meu pensamento. Pedi a opinião do meu amigo, que assistira tudo e me cumprimentara efusivamente. Ele ficou espantado. Nada fora suspeito. Tudo simples e direto. Eu vendara o mágico, pensara em alguém e o mágico adivinhara sem sequer me tocar. Nenhum truque, apenas um pensamento adivinhado, sem a menor dúvida. (Soube, mais tarde, que Cantarelli era o único no mundo que fazia esse número sem tocar no "transmissor de pensamento".)

Quando, muitos anos depois, fui estudar seriamente parapsicologia, fiquei sabendo que eu fora testemunha e participante de uma requintada técnica de kumberlandismo (Kumberland é o nome do célebre mágico que a inventou).

Chegado a este ponto, acho que vocês querem uma explicação. Existe uma velha ética nos cursos de mágica, prestidigitação etc., que exige não revelar como as "mágicas" são realizadas. O motivo é simples. Muita gente ganha a vida nos circos e nos teatros com isso. Mas, como o kumberlandismo é mais raro, porque muito mais difícil, lá vai a explicação: a tal venda preta tem uma falha que poucos notam. Qualquer um de nós, colocando uma venda sobre os olhos, pode verificar que, pela reentrância que fica nos dois lados do nariz, olhando para baixo, enxergamos quase um metro além dos nossos pés. Isso possibilitava que Cantarelli fosse recuando ou avançando pelo teatro, com visão dos seus pés e dos meus, o que era muito importante. As mágicas de Kumberland agiam por efeitos psicológicos, obtendo a cooperação do agente sem que ele o percebesse. Todo o discurso de Cantarelli, desde o começo, era cuidadosamente elaborado para se obter um resultado. E na eficiência do seu discurso repousava o sucesso da adivinhação. É claro que os participantes do público que são chamados para cooperar, por vaidade, têm também a vontade de "contrariar" o mágico, provar que são capazes de desmenti-lo. Chamar dez pessoas para escolher uma, transferir para quinhentas pessoas a escolha de um inteligente e capacitado "transmissor de pensamento" anulava ime-



diatamente qualquer veleidade de ser “do cõntra”. Do modo como foi feita a minha escolha, por livre voto de uma multidão, não seria de Cantarelli o fracasso, mas inteiramente meu, incapaz de transmitir um pensamento para um mágico tão competente e importante como aquele. É possível que vocês já tenham assistido números semelhan-

tes. O Padre Quevedo era muito hábil para fazê-lo. Ele ficava de costas e pedia a alguém que escondesse um lenço no bolso de um espectador. Depois, solicitando que a pessoa se concentrasse e pensasse fortemente na pessoa escolhida, pedia que o agente estendesse a palma da mão e o padre a tocava com a sua. Descendo à platéia, logo descobria onde estava o lenço escondido. A

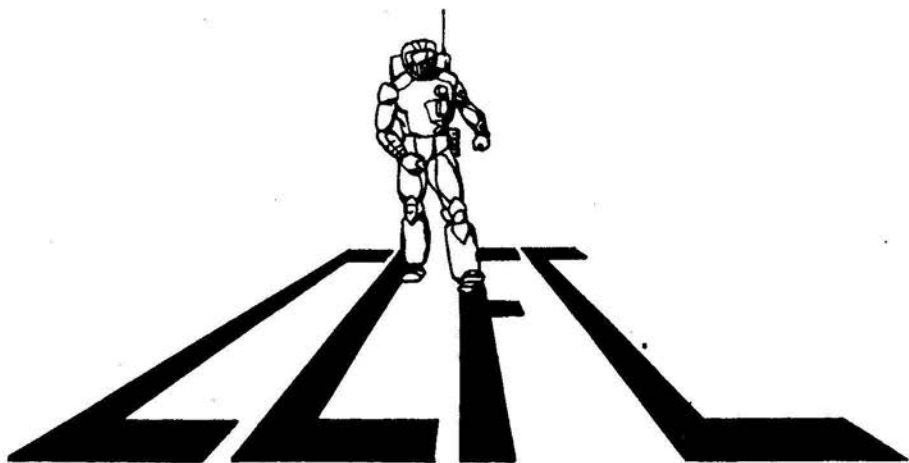
explicação é quase óbvia. A

pessoa sente-se responsável e desejosa de que o “mágico” tenha sucesso. A palma da mão leva o mágico na direção certa. Se o mágico se afasta a mão quase que o “empurra”.

Diante da pessoa a palma se imobiliza, quase “aponta” o escolhido. Toda a reação do agente é inconsciente, ele não percebe que está ajudando, embora o faça de maneira muito forte. Porém, como Cantarelli descobriu a pessoa, sem tocar na minha mão? Ele analisava como agiam meus pés, que relutavam em seguir em uma direção errada, e deslizavam na direção certa.

Os erros de Cantarelli eram intencionais. Ele os fazia com duas intenções. Errava para emocionar mais o público e, principalmente, para que eu, envergonhado com o “meu” fracasso, ajudasse mais. Simples, não é? Na próxima festinha em sua casa, experimente, usando a palma da mão. Você consegue, garanto.

André Carneiro, artista plástico, cineasta, poeta e escritor de FC internacionalmente reconhecido e vencedor do prêmio Nestlé de literatura na categoria poesia. É colunista do





Editora da
UFSCar



Clube de Leitores
de Ficção Científica